

**Univerzita Karlova**

**Filozofická fakulta**

Ústav románských studií

# **Bakalářská práce**

Aliaksandra Pushchanka

## **O Português de Minas Gerais**

Portugalština státu Minas Gerais

The Portuguese of the state of Minas Gerais

Praha 2017

Vedoucí práce: PhDr. Jan Hricsina, Ph.D.

**Prohlášení:**

Prohlašuji, že jsem tuto bakalářskou práci vypracovala samostatně a výhradně s použitím citovaných pramenů, literatury a dalších odborných zdrojů.

V Praze, dne 1. srpna 2017

.....

Aliaksandra Pushchanka

**Klíčová slova:**

Brazilská portugalština, stát Minas Gerais, mineirský dialekt, dialektologie, brazilská dialektologie, sociolingvistika, fonetika, fonologie, morfologie, syntax.

**Palavras-chave:**

Português do Brasil, estado de Minas Gerais, dialeto mineiro, dialetologia, dialetologia brasileira, sociolinguística, fonética, fonologia, morfologia, sintaxe.

**Keywords:**

Brazilian Portuguese, state of Minas Gerais, Mineiro dialect, dialectology, Brazilian dialectology, sociolinguistics, phonetics, phonology, morphology, syntax.

## **Abstrakt:**

Brazilská portugalština je mnohostranná a představuje bohatou dialektologickou rozmanitost. Minas Gerais, pokud jde o počet obyvatel, je druhý největší stát Brazílie a v této souvislosti místní dialekt čili mineirská portugalština nebo *mineirština* je jedním z nejvíce rozšířených dialektů v zemi. Tato práce si klade za cíl rozpracování obecného uvedení do tématu portugalštiny mluvené ve státě Minas Gerais v rámci brazilské portugalštiny a zvláštností její vývoje. Spolu s popsáním brazilských dialektologických studií rozvíjí taktéž přehled nejvýznamnějších dialektologických studií v oblasti mineirské portugalštiny, jejichž výsledky podrobně ukazují nejtypičtější rysy této jazykové varianty. Vykreslení historických aspektů vývoje státu Minas Gerais pomáhá interpretovat nejvýraznější rysy tohoto dialektu. Tato práce podává stručný přehled mineirské portugalštiny, což by mohlo skromně přispět k lepšímu povědomí o tomto dialektu brazilské portugalštiny mimo Brazílii a pochopení problematiky dialektologické rozmanitosti brazilské portugalštiny.

## **Resumo:**

O português do Brasil é plural e apresenta uma rica diversidade dialetal. Minas Gerais, quanto à sua população, é o segundo maior estado do Brasil, e, desta forma, o dialeto local, ou seja, falar mineiro ou simplesmente mineirês, é um dos dialetos mais falados no país. O objetivo deste trabalho é procurar fazer uma introdução à variante do português falado em Minas Gerais no âmbito do português falado no Brasil e às peculiaridades da sua formação. Junto com a representação dos estudos dialetológicos do Brasil desvela-se o relato dos estudos dialetológicos mais significativos realizados no campo do português mineiro. Através da demonstração das observações desenvolvidas nestes estudos retratam-se aqui as características mais típicas da fala mineira. A descrição das particularidades históricas ao longo do estabelecimento do estado serve como apoio e pretexto para a formação dos traços mais distintos da língua falada em Minas Gerais. Deste modo, este trabalho oferece um resumo geral do português mineiro, o que possa assim modestamente contribuir para o melhor conhecimento desta variante no exterior do Brasil e para a melhor compreensão da questão da diversidade dialetológica da língua portuguesa do Brasil.

**Abstract:**

The Brazilian Portuguese is versatile and exhibits a rich dialectological diversity. The state of Minas Gerais in terms of its population is the second biggest state of Brazil, and the local dialect, the Mineiro Portuguese, is one of the most widely spoken dialects in the country. This thesis aims to elaborate an introduction to the variant of the Portuguese language spoken in Minas Gerais in the framework of the Brazilian Portuguese and peculiarities of its development. Along with the Brazilian dialectological studies one of the focal points is reporting the most significant dialectological studies carried out in the area of the Mineiro Portuguese, the results of which point out to the most characteristic features of this dialect. The historic aspects of the establishing of the state of Minas Gerais serve as the basis for interpreting the most distinct traits of its language. In this way, this thesis offers a general overview of the Mineiro Portuguese, which may serve as a modest contribution to spreading the knowledge about the dialect outside of Brazil and a better understanding of the problematics of the dialectological diversity of the Brazilian Portuguese.

## ÍNDICE

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>O PORTUGUÊS DO BRASIL .....</b>	<b>10</b>
<b>2.1</b>	<b>ASPETOS HISTÓRICOS DA LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL .....</b>	<b>10</b>
2.2.1	<i>Do início da colonização à expulsão dos holandeses (1532–1654).....</i>	<i>10</i>
2.2.2	<i>Da expulsão dos holandeses à chegada da corte real (1654–1808) .....</i>	<i>11</i>
2.2.3	<i>Da chegada da corte real ao Rio de Janeiro (de 1808).....</i>	<i>13</i>
<b>2.2</b>	<b>A LÍNGUA PADRÃO NO BRASIL.....</b>	<b>14</b>
<b>2.3</b>	<b>AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO PORTUGUÊS DO BRASIL.....</b>	<b>16</b>
2.3.1	<i>Fonética e fonologia .....</i>	<i>16</i>
2.3.2	<i>Morfologia e sintaxe .....</i>	<i>18</i>
2.3.3	<i>Léxico.....</i>	<i>20</i>
<b>3</b>	<b>DIALETOLOGIA NO BRASIL.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>CONCEITOS BÁSICOS .....</b>	<b>21</b>
<b>3.2</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS DIALETAIS NO BRASIL.....</b>	<b>23</b>
3.2.1	<i>O período pré-geolinguístico .....</i>	<i>23</i>
3.2.2	<i>A primeira fase.....</i>	<i>23</i>
3.2.3	<i>A segunda fase .....</i>	<i>23</i>
3.2.4	<i>A terceira fase .....</i>	<i>25</i>
<b>3.3</b>	<b>ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL .....</b>	<b>26</b>
<b>3.4</b>	<b>TERMOS DIALETO E FALAR .....</b>	<b>27</b>
<b>3.5</b>	<b>BREVE HISTÓRICO DOS ESTUDOS DIALETOLÓGICOS DO PORTUGUÊS EM MINAS GERAIS.....</b>	<b>29</b>
3.5.1	<i>O linguajar carioca.....</i>	<i>29</i>
3.5.2	<i>O falar Mineiro .....</i>	<i>29</i>
3.5.3	<i>O esboço de um Atlas de Minas Gerais .....</i>	<i>30</i>
3.5.4	<i>Projeto Mineirês .....</i>	<i>31</i>
<b>4</b>	<b>O PORTUGUÊS FALADO EM MINAS GERAIS.....</b>	<b>32</b>

<b>4.1</b>	<b>BASES HISTÓRICAS, ECONÓMICAS, SOCIAIS E ÉTNICAS NO</b>	
	<b>DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA FALADA EM MINAS GERAIS .....</b>	<b>32</b>
4.1.1	<i>Período pré-aurífero .....</i>	32
4.1.2	<i>Período aurífero.....</i>	34
4.1.3	<i>Período pós-aurífero.....</i>	36
<b>4.2</b>	<b>AS PRINCIPAIS CARATERÍSTICAS DO PORTUGUÊS DE MINAS GERAIS .....</b>	<b>38</b>
4.2.1	<i>As observações do Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais .....</i>	38
4.2.2	<i>As observações do Projeto Mineirês.....</i>	40
4.2.3	<i>As observações de O falar Mineiro e resumo geral .....</i>	41
4.2.3.1	<i>Fonética e fonologia .....</i>	42
4.2.3.2	<i>Morfologia e sintaxe .....</i>	44
4.2.4	<i>Algumas caraterísticas em detalhes.....</i>	45
4.2.4.1	<i>A origem de algumas mudanças fonéticas na fala mineira .....</i>	45
4.2.4.2	<i>Você, ocê e cê.....</i>	47
4.2.4.3	<i>Interjeições e invocações típicas .....</i>	48
<b>5</b>	<b>CONCLUSÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>6</b>	<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXO I .....</b>	<b>I</b>
	<b>ANEXO II.....</b>	<b>II</b>
	<b>ANEXO III .....</b>	<b>III</b>

Ser Mineiro é não dizer o que faz, nem o vai fazer,  
é fingir que não sabe aquilo que sabe,  
é falar pouco e escutar muito,  
é passar por bobo e ser inteligente,  
é vender queijos e possuir bancos.

Um bom Mineiro não laça boi com imbirá,  
não dá rasteira no vento,  
não pisa no escuro,  
não anda no molhado,  
não estica conversa com estranho,  
só acredita na fumaça quando vê o fogo,  
só arrisca quando tem certeza,  
não troca um pássaro na mão por dois voando.

Ser Mineiro é dizer “uai”, é ser diferente,  
é ter marca registrada,  
é ter história.

Ser Mineiro é ter simplicidade e pureza,  
humildade e modéstia,  
coragem e bravura,  
fidalguia e elegância.

Ser Mineiro é ver o nascer do Sol  
e o brilhar da Lua,  
é ouvir o canto dos pássaros  
e o mugir do gado,  
é sentir o despertar do tempo  
e o amanhecer da vida.

Ser Mineiro é ser religioso e conservador,  
é cultivar as letras e artes,  
é ser poeta e literato,  
é gostar de política e amar a liberdade,  
é viver nas montanhas,  
é ter vida interior,  
é ser gente.

*Ser Mineiro*

Carlos Drummond de Andrade



## 1 Introdução

A fala mineira ou *mineirês* é conhecida por todo o povo brasileiro e é falada em um dos maiores estados do Brasil – Minas Gerais. Em qualquer parte do Brasil sempre haja alguém que queira imitar a fala mineira. Muito frequentemente o *jeito* mineiro de falar é lembrado ou caricaturado em anedotas e piadas, tanto na fala informal, como na literatura e mídia em geral. Dessa modo, a fala mineira pode ser vista como portadora de uma forte estigmatização linguística no Brasil. Mas o que realmente se sabe do mineirês e o que realmente fica atrás desse falar ingênuo e às vezes intuitivo? Apesar da sua aparência simplória, a fala mineira é muito mais complexa do que presume a sabedoria popular. Não pode ser omitido o importantíssimo papel de Minas Gerais no percurso da história do Brasil. E hoje em dia o tamanho do estado junto com o seu destaque cultural e econômico fazem indivisível parte da versátil identidade brasileira, da mesma forma como a fala mineira faz parte da rica diversidade da língua portuguesa falada no Brasil. Apesar de toda a sua relevância e grandiosidade, o estado de Minas Gerais não é muito conhecido no exterior do Brasil, o que naturalmente sucede na falta de conhecimento sobre o português mineiro fora do Brasil. Deparei-me com essa problemática durante as minhas estadias em Minas Gerais, onde comecei a estudar a língua portuguesa e aprofundi os meus estudos da filologia lusófona. Uma vez que detetei as marcas do mineirês na minha própria fala em português, sempre aproveitei a oportunidade de espalhar o conhecimento sobre essa variação da língua portuguesa do Brasil.

Dessa maneira, este trabalho tem como o seu objetivo fazer um relatório introdutório sobre a língua portuguesa falada no estado de Minas Gerais no panorâmico do português do Brasil e seus estudos dialetológicos. Mediante as apresentações dos resultados dos principais estudos realizados em relação ao português mineiro, gostaria de fazer resumo dos seus traços mais distintos e algumas peculiaridades em detalhes.

## 2 A língua portuguesa no Brasil

O Brasil sendo o maior país lusófono é o quinto maior país mundial em termos tanto do seu território, como do número dos habitantes, essencialmente contribui para a importância internacional e a formação da imagem da língua portuguesa atualmente. O país que uma vez na história era apenas o exportador de pau-brasil, hoje em dia se tornou o maior *exportador* da língua portuguesa no mundo. Pelo fato de o português brasileiro indubitavelmente ser a variante mais favorecida dentro dos estudantes da língua portuguesa no exterior, cheguei a ter a sensação de um deslocamento na sua percepção – a de como uma entidade independente, não vista dentro da sua conexão com Portugal. Dessa maneira, tenho a impressão de que os papéis do Português do Brasil e de Portugal se inverteram, sendo o primeiro tomando o comando do segundo.

Mas o que realmente significa o Português do Brasil? Qual é o ponto da partida da percepção da língua do país composto pelos 26 estados, cada um dos quais, no que diz respeito a sua população, perfeitamente poderia ser um país independente? Qual é a face do Português do Brasil ensinado é reconhecido por todos os seus 211 mil milhões habitantes e no exterior?

### 2.1 *Aspetos históricos da língua portuguesa no Brasil*

Para o melhor entendimento do português do Brasil, gostaria de relembrar aqui alguns aspetos históricos mais relevantes para o seu desenvolvimento, baseando a minha descrição no livro escrito por Serafim Silva Neto *Introdução ao estudo da língua portuguesa*, em que foi introduzida uma periodização que acompanha a progressiva mudança na composição étnica da população brasileira e a consequente mudança linguística.

#### 2.1.1 Do início da colonização à expulsão dos holandeses (1532–1654)

É a fase marcada pela escassez do elemento branco no recém-descoberto e tão ainda desconhecido imenso território do Brasil. O homem português apareceu imerso no oceano

dos indígenas, acrescentados em seguida pelas grandes quantidades dos africanos. Essa fase é também a de primeiro contato interétnico, que resulta em surgimento do mameluco<sup>1</sup>. Em 1550 começam a chegar meninos órfãos de Lisboa, donzelas pobres para se casarem com os portugueses e, dessa maneira, compensarem os mamelucos. O coro dessa fase histórica era a língua geral, uma necessidade na realidade cotidiana: “Ao lado do português existe a *língua geral*, que é o tupi, principal língua indígena das regiões costeiras, mas um tupi simplificado, gramaticalizado pelos jesuítas e, destarte, tornado uma língua comum.” (Teyssier, 1997:62). De fato a língua geral era a língua principal dessa fase, em maioria de casos era a única língua falada. Paralelamente a língua portuguesa, cujo uso se limitava a elite branca, aos poucos se implantava nas massas brasileiras. Em Pernambuco e Bahia, os núcleos desse período, português se ensinava pelos jesuítas com grande sucesso. Os europeus assimilavam os indígenas, que adotavam a cultura dos colonizadores. O processo de assimilação igualmente acontecia no sentido contrário – os europeus iam aceitando as peculiaridades da cultura tupi, com que as palavras indígenas iam penetrando a língua portuguesa.

Entretanto no litoral começou a se desenvolver a substituição do escravo-índio pelo escravo africano. Surge o mulato<sup>2</sup>. Ocorria extinção em massa das aldeias indígenas. Dessa forma, gradualmente a língua portuguesa começa a acolher as palavras de origem africana. A população de origem africana aumentava-se rapidamente o que fatalmente levou ao surgimento do cafuzo e mulato. Entretanto com a definitiva posse da terra em 1654 aumentava-se a imigração europeia.

### 2.1.2 Da expulsão dos holandeses à chegada da corte real (1654–1808)

Essa fase é representada pela culminação da expansão territorial. Incompatível com a civilização europeia, o índio, também derruído pelas doenças europeias, vem desaparecendo. Entretanto aumenta-se a presença africana estimulada pelo florescente comércio de açúcar. Entre os escravos africanos distinguidos eram “os *ladinos*, isto é, que

---

<sup>1</sup>Mestiço, geralmente filho de branco e de mulher índia (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

<sup>2</sup> Que ou quem nasceu de mãe branca e pai negro ou de pai branco e mãe negra (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

já tinham conhecimento da língua portuguesa, e *boçais*, ainda incapazes de exprimirem na fala dos senhores” (Neto, 1986:73). É interessante observar, que os ladinos ensinavam português para os boçais, e oportunamente para os índios. As missões jesuíticas continuam contribuindo para difusão da língua portuguesa. A língua geral aos poucos caía em desuso, limitando-se aos povoamentos do interior e aldeamentos jesuítas.

Exploração do interior ampliava, surgiam os povoamentos totalmente desligados do litoral. Assim fundado ainda em 1554 pelos jesuítas o Arraial de São Paulo e Piratininga, abre a porta da entrada para o interior, e em 1681 passa a ser a capital da capitania de São Vicente. Em virtude da extrema pobreza na capitânia de São Vicente na época colonial, especialmente em comparação com o Nordeste açucareiro, aqui tiveram início as atividades dos bandeirantes, os tais chamados desbravadores do interior incógnito, que realizavam as suas expedições, conhecidas como bandeiras, em busca de ouro e diamantes, e dos índios para serem escravizados. Entre os bandeirantes falava-se exclusivamente a língua geral, a sua variação do Sul. Bandeirantes paulistas eram regularmente recorridos para extermínio de quilombos.

Durante a invasão holandesa os engenhos açucareiros foram abandonados pelos donos pela força da guerra, o que deu uma oportunidade para grandes números dos escravos africanos fugirem e fundarem os seus povoamentos, chamados quilombos. Quilombos apresentavam um exemplo típico da coexistência das três bases da cultura brasileira: a dominante parte africana representada pelos escravos fugidos; o elemento branco constituído na influência anterior nos ex-escravos; e os indígenas, com quem os quilombolas estavam em contato arranjando companheiras nas tribos adjacentes, e, além disso, certamente constituíam a grande parte dos habitantes desse enorme quilombo.

A língua portuguesa no Brasil adquiria novas feições: “O idioma dos descobridores, com seu alto prestígio de língua escrita e rica literatura, foi absorvendo os focos não românicos: os episódios falarem africanos e a pertinaz língua geral, que só muito lentamente foi cedendo terreno.” (Neto, 1986:78). Não tão numerosa a elite branca da colônia finalmente se afirma e começa a se complementar com os mestiços, que por sua vez ascendendo socialmente representam um elemento crucial na composição de uma sociedade nova, mas antes e apesar de tudo uma sociedade do espírito branco. Entretanto, no fim do século XVII os bandeirantes descobrem ouro nas serras gerais do interior do Sudeste da colônia. Este acontecimento muda completamente o trajeto histórico,

significação e face do Brasil. O ouro atraiu para a região da mineração imigração em massa de todo o território do Brasil e de Portugal, reforçando assim a introdução da língua portuguesa no interior. Língua portuguesa consolida-se absolutamente com o diretório criado pelo Marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, pelo qual se proibiu o uso da língua geral e tornou-se obrigatório o uso da língua portuguesa primeiro no Pará e Maranhão, e a 17 de agosto de 1758 em todo o território do Brasil. No ano seguinte o mesmo Marquês de Pombal expulsa os jesuítas do Brasil, os principais e últimos defensores da língua geral.

### 2.1.3 Da chegada da corte real ao Rio de Janeiro (de 1808)

O Brasil entra no século XIX com a chegada do Príncipe Regente em 1808 que transforma a cidade do Rio de Janeiro na capital do mundo lusófono e leva às irreversíveis consequências na vida colonial. A chegada da corte portuguesa contribui para o processo da relusitanização. O crescimento do Rio de Janeiro provocou uma ampla ação social sobre toda a colônia. Começa uma estável e vigorosa transferência da população do campo para a cidade, e subsequente uma clara distinção entre os falares rurais e falares urbanos: “Portanto, dos princípios da colonização até 1808, e daí por diante com intensidade cada vez maior, se notava a dualidade linguística entre a nata social, viveiro de brancos e mestiços que ascenderam, e a plebe, descendente dos índios, negros e mestiços da colônia.” (Neto, 1986:80). Curiosa e logicamente que as numerosas cidades e vilas florescentes nessa fase foram baseadas nos aldeamentos indígenas gradualmente aumentados pelos prevalentemente negros e mestiços. Novas cidades também se baseavam nas antigas fazendas e quilombos. É interessante observar que dependendo da porcentagem dos brancos e do seu status social, nota-se naturalmente o maior ou menor grau da criouliização da língua. Os índios nessa fase estão incorporados por todo lado no interior do Brasil, e a sua aportuguesação chega a nível de lhes progressivamente esquecerem a língua dos seus antecedentes. Paralelamente observa-se uma justaposição dos habitantes do litoral e interior, e obviamente dos seus falares.

A chegada da corte portuguesa contribuiu para o processo da relusitanização do Rio de Janeiro e o aumento do número dos estabelecimentos de ensino superior no país. Tornando independente em 1822, o Brasil com grande vigor começa a valorizar tudo que o

diferenciava da antiga metrópole. Ia assim evoluindo e progredindo a literatura, pela primeira vez, verdadeiramente brasileira, louvando e protagonizando o índio.

Com o recesso do tráfico dos escravos africanos e a seguinte abolição da escravidão em 1888, pela falta de mão-de-obra na cafeicultura e na sua impulsiva onda de urbanização o país acolheu numerosos imigrantes de origem europeia variada, principalmente os italianos e alemães. Os cafezais em São Paulo depois já em século XX atraem a imigração em massa japonesa. A veemente industrialização e crescimento económico mudam completamente a face do Brasil mais uma vez, transformando-o em um verdadeiro manifesto da conquista urbana, onde, contudo, as zonas subdesenvolvidas vivem lado ao lado com as da primeira qualidade.

Desse modo, os acontecimentos históricos revelam e justificam o percurso da formação do português do Brasil, conquanto, a percepção completa da realidade linguística seria feita através das condições socioeconômicas. Assim, o contraste e desigualdade social omnipresentes no país são inquestionavelmente interligados e interdependentes com a noção da língua-padrão ou norma do português falado no Brasil.

## **2.2 Língua padrão no Brasil**

Deixando falar sobre a diversidade geográfica linguística do Brasil para o próximo capítulo, nesta parte gostaria de resumir a categorização do português do Brasil quanto ao âmbito sociolinguístico.

A realidade brasileira é que as diferenças na maneira de falar são mais evidentes entre as pessoas cultas e não cultas. Isso significa que a variação do português brasileiro distingue-se mais no plano sociocultural e económico, ou seja, vertical, do que no plano geográfico, ou seja, horizontal.

Infelizmente por volta de dez por cento da população brasileira, sendo um dos maiores índices da América do Sul, não tem pleno acesso aos seus direitos sociais, tais como saúde e educação. Isso seria o resultado de mais de trezentos anos do regime escravista do país, que jamais poderia desaparecer sem deixar os rastros duradouros na composição étnica em justaposição com a distribuição económica. A abolição da

escravatura em 1888 simplesmente deixou os ex-escravos à sua própria sorte, o que junto com as posteriores ondas de imigração da nova mão-de-obra de origem europeia sucedeu em formação das numerosas favelas por toda a parte do Brasil urbano. Mesmo hoje em dia a maioria da população das favelas é constituída pelos negros e pardos, que na maioria esmagadora de casos são associados com atividades criminosas, e consequentemente sejam alvos da violência urbana e policial. Essa estigmatização social encontra o seu reflexo na estigmatização da fala exercida por essa desprestigiada camada da sociedade brasileira.

Dessa forma, podemos observar que “[...] a língua no Brasil se divide entre uma *norma culta*, constituída pelos usos de uma minoria de privilegiados, e uma *norma popular*, constituída pela fala da grande maioria da população, com pouca ou nenhuma escolaridade.” (Lucchesi, 2012:51). A fronteira entre as duas normas pode ser delimitada pelas qualidades provavelmente mais distintas da norma popular: o fenómeno de rotacismo<sup>3</sup> em *Maria Crara* por *Maria Clara*; ieísmo<sup>4</sup> em *muié* por *mulher*; a desconcordância nominal e verbal, por exemplo *os meu pé dói* por *os meus pés doem*, *nós sabe* por *nós sabemos*. Os falantes da norma culta, tradicionalmente obedecendo os modelos da ex-metrópole, constroem um forte estereótipo negativo contra os falantes da norma popular: “Um pesado estigma social se abate sobre essas formas mais características da fala popular, e o preconceito linguístico constitui um poderoso mecanismo ideológico de legitimação de exclusão social e da exploração do trabalho.” (Lucchesi, 2012:50). Curiosamente os traços mais representativos da fala popular do Brasil são as consequências, ou reação linguística, do contato da língua portuguesa com as línguas indígenas e africanas decorrido durante a época colonial.

Quanto aos trabalhos desenvolvidos no campo da sociolinguística do Brasil, gostaria de mencionar o *Projeto de Estudo Coordenado da Norma Linguística Culta* (NURC), iniciado em 1969 e desenvolvido em cinco capitais brasileiras – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, é o projeto, cujo objetivo é o conhecimento da norma culta. O projeto procurou atingir os seguintes objetivos: conhecer melhor a realidade linguística brasileira, recolher os dados da fala nas cinco capitais do desenvolvimento do projeto, descrever o uso normal culto, conhecer as normas tradicionais

---

<sup>3</sup> Pronúncia deficiente da letra *r* (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa).

<sup>4</sup> Semivocalização de uma consoante lateral palatal, que evolui para [j] (Dicionário de termos linguísticos. Portal da língua portuguesa).

em uso e as que já foram superadas. O colossal corpus do projeto serve como de base à elaboração dos trabalhos linguísticos sobre o português do Brasil.

Outro trabalho *Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação* foi desenvolvido com os fins de análise social das gravações linguísticas no RJ, suporte para o ensino e aprendizagem do português, desenvolvimento de base de dados estatísticos. O projeto permitiu sobrepor os fenômenos linguísticos estudados e diferentes fatores não linguísticos, como idade, sexo, escolaridade, ocupação etc.

Convém aqui dar destaque ao Projeto *Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia*, coordenado na Universidade Federal do Bahia tem como foco a análise histórica das mudanças linguísticas estimuladas pelos contatos interétnicos e as consequências observadas no nivelamento linguístico baseado no modelo das grandes cidades do Brasil.

## **2.2 As principais características do português do Brasil**

### **2.3.1 Fonética e fonologia**

(i) Os -s e -z implosivos são realizados no Brasil predominantemente como sibilantes alveolares: [s] no final absoluto das palavras e perante uma consoante surda: *atrás, capaz, basta, fez frio*; [z] diante de uma consoante sonora: *lesma, atrás dela*. Na zona do estado do Rio de Janeiro, e nas seletivas zonas de todo o litoral do país, os -s e -z implosivos realizam-se como [ʃ] e [ʒ], sibilantes chiados, da mesma maneira como em Portugal. Contudo, em todo o território do Brasil o dígrafo -sc é realizado somente como [s]: *nascer, piscina*.

(ii) A pronúncia das vogais átonas é o que mais marca a diferença entre o português do Brasil e português europeu. O Brasil totalmente ignora a vogal central [ə], tão distinta na pronúncia do português de Portugal. No Brasil as vogais -e e -a na posição átona final absoluta realizam-se como [i] e [a]: *pense, pensa*. Na posição pretónica a vogal -e realiza-se como [e] em *pegar*; -o como [o] em *tomar*; -a como [a] aberto em *padeira*. Todavia, no Nordeste do país todas essas pretónicas se pronunciam com timbre aberto. Ao mesmo tempo no Brasil se encontra a seguinte realização das pretónicas: -e como [i] em *entrar*,



*menino*; e -o como [u] em *costume, tomate*. Da indistinção dos timbres abertos e fechados nas vogais átonas, sucede a realização da vogal [i] nos pronomes oblíquos átonos: *me, te, se, lhe*. Pela mesma razão não se diferem na pronúncia o artigo feminino *a* e a preposição *a* precedida pelo mesmo artigo: *a cidade = à cidade*. Somente uma possível realização de uma vogal pretónica no Brasil resultara na omissão na escrita da consoante não pronunciada: *diretor, adoção, batizar*. O Acordo Ortográfico de 1990 igualou essa grafia em todos os países lusófonos.

(iii) As tónicas -a, -e, -o perante consoantes nasais realizam-se com o timbre fechado: *andamos, cena, vênia, sinônimo, Antônio*. Dessa forma, o português do Brasil, ao contrário do português europeu, não reconhece a diferença do -a tónico entres os verbos na primeira pessoa plural no presente e pretérito, o que sucede na grafia igualizada: *sempre andamos para frente; ontem andamos de cavalo*. Na posição tónica a vogal [ɜ] no Brasil aparece apenas diante de uma consoante nasal: *cama, morango*. No estado de São Paulo, nesse caso se reforça a nasalização vocálica: [ ' kâma], [mo ' rãngu].

(iv) Conserva-se no Brasil a realização do ditongo -ei como [ej]: *sei, beijo*. Na posição interna às vezes se monotonga, por exemplo: *primeiro* [pri ' meru]. Diante das consoantes nasais se realiza como [ẽj]: *tem, bem*.

(v) As realizações do -r no Brasil variam dependendo das normas das diferentes regiões geográficas. Desse modo, a pronúncia do dígrafo -rr em *carro, ferro* pode ser realizada como fricativa velar surda [x], fricativa uvular surda [χ], fricativa glotal surda [h] ou vibrante alveolar sonora [r]. Não raramente na maioria do território do país as fricativas surdas [x], [χ] e [h], salvo as posições prevocálicas, são utilizadas para todas as realizações do -r. Isso também implica a substituição da vibrante uvular sonora [ʀ]. A vibrante alveolar sonora [r] mantém-se regular no Sul do Brasil e é realizada nas mesmas condições como em Portugal. No estado de São Paulo é muito comum o uso da vibrante alveolar sonora [r] na posição precedente a uma consoante como em *quarto, porta*, da mesma forma como no dígrafo -rr ou no início da palavra: *carro, ferro, Réveillon, rabanete*. No território de tal chamada Paulistânia<sup>5</sup>, que inclui os territórios do estados de São Paulo, grande parte de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, parte do Paraná, observamos a realização da aproximante alveolar sonora [ɹ] e aproximante retroflexa [ɻ], a última também chamada de *r caipira*. Quanto à pronúncia do -r final, em certos registros mais informais existe tendência a suprimir o -r

<sup>5</sup> Áreas das trilhas das bandeiras (vd. Subcapítulo 4.1.1).

final: *fazer* [fa ' ze], *amar* [a ' ma], *motor* [mo ' to]; contudo, os registros formais nesses casos têm tendência a reforçar as fricativas surdas [x] ou [χ].

(vi) O *-l* final de sílabas tem a sua realização como [w]: *sol*, *alfaiate*, *amável*, *mal* (=mau). No sul do país a pronúncia se mantém como [l] igual em Portugal. Também há registros de desaparecimentos total do *-l* final: *general* [ʒene ' ra], *coronel* [koro ' ne]. O *-l* final nas sílabas internas às vezes passa a ser pronunciado como [r]: *volta* [ ' vorta], *alto* [ ' artu].

(vii) No final das palavras diante de *-s* e *-z* implosivos sibilantes e chiados aparece um iode, rigidamente em alguns registros como em *três* [ ' trejs], ou facultativamente como em *mas* [ ' maɿs] ou *arroz* [a ' xoɿs].

(viii) Nos grupos consonantais na pronúncia surge [i] ou [e]: *admirar* [aðʒimi ' rah], *advogado* [aðʒivo ' gadu] ou [adevo ' gadu], *ritmo* [ ' xiʃĩmu].

(ix) As oclusivas *-d* e *-t* diante uma vogal átona *-e* ou *-i* são geralmente palatalizadas como [dʒ] e [tʃ]: *dizer* [ ' dʒizeh], *lembrete* [lem ' breʃĩ], *de ônibus* [dʒi ' onibus] *te amo* [tʃi ' amu]. Em algumas zonas no Nordeste, da mesma forma como às vezes na região de São Paulo e extremo sul do país, não se empregam este tipo de palatalização.

### 2.3.2 Morfologia e sintaxe

Os brasileirismos dos registros da língua culta:

- (i) *Estar* + gerúndio: *estou fazendo*, *está trabalhando*;
- (ii) Possibilidade de emprego dos pronomes possessivos sem artigo definido: *meu carro*, *minha mãe*;
- (iii) Pronome átono em próclise: *O homem se queixou*;
- (iv) Pronome átono no início da frase: *Me diga alguma coisa*;
- (v) Pronome átono como complemento de infinitivo, gerúndio ou particípio: *Pode me dar esse livro? Ainda não tinha me gabado disso*;

- (vi) Grafia das seguintes palavras: *conosco, cotidiano, dezesseis, dezessete* (grafia no português europeu respetivamente: *connosco, quotidiano, dezasseis, dezassete*);
- (vii) Predominante emprego da locução *todo o mundo* no lugar de *toda a gente*: *Todo o mundo vestiu roupas brancas*;
- (viii) Predominante uso da preposição *em*: *ele estava na porta, na frente da escola, chegou em casa, vou no trabalho*;
- (ix) Emprego do verbo *ter* no sentido de *haver*: *tem muita gente no mercado*;
- (x) Emprego da locução *pois não* no sentido afirmativo: *Garçom! – Pois não!*

Os brasileirismos dos registros informais, pertencentes a certo grau de familiaridade e tolerados pela língua culta:

- (i) A negativa na posição pós-verbal: *sei não, faz isso não*; ainda enfatizada em combinação com a negativa pré-verbal: *não menti não*;
- (ii) Emprego do sujeito *mim* no lugar de *eu*: *pra mim comer*,
- (iii) Uso da palavra *feito* no sentido de *como*: *ria sem parar, feito uma louca*;

Os brasileirismos dos registros da língua popular, vistos como incorretos:

- (i) Emprego das formas tónicas como objeto direto em vez das formas átonas: *não conheço ela, vi eles chegando*;
- (ii) Desconcordância nominal: *as mulher bonita, as perna, dois real*;
- (iii) Desconcordância verbal: *nós sabe, eles deve*.

### 2.3.3 Léxico

- (i) No Brasil ocorreu a simplificação do tratamento e desaparecimento dos pronomes *vós* e *vosso*, o que sucedeu em restrição a apenas duas formas de tratamento *você* e *o senhor/a senhora*. A forma *consigo* é substituída por *com você*, *com o senhor/a senhora*. O pronome *tu* permanece no extremo sul e em algumas áreas no litoral e Nordeste (embora aqui se observe a desconcordância verbal: *tu sabe*, *tu vai*).
- (ii) A grafia não raramente segue a pronúncia: *fato*, *seção*, *ótimo*.
- (iii) Designações diferenciadas de português europeu de alguns objetos e conceitos do mundo moderno nos aspetos técnicos, científicos e sociais: *trem*, *bonde*, *ônibus*, *metrô*, *aeromoça*, *pedestre*, *mouse*, *tela*, *celular*, *geladeira*, *banheiro*, *meias*, *terno*, *bolsa*, *suco*, *sorvete* etc.
- (iv) Emprego da palavra *meia* no sentido do número seis (6).
- (v) Emprego da locução *cadê* (constrição de *que é de*) no sentido de *onde*: *Cadê você?* *Cadê a minha bolsa?*
- (vi) Vocabulário de origem tupi: *capim*, *mingau*, *guri*, *caatinga*, *cunha*, *moqueca*, *abacaxi*, *mandioca*, *tapioca*, *paçoca*, *buriti*, *ipê*, *jacarandá*, *jiboia*, *pitanga*, *jabuticaba*, *caju*, *maracujá*, *tatu*, *capivara*, *sururu*, *piranha*, *urubu*, *sabiá*, *xará*, *estar na pindaíba*, *estar de tocaia*, *Tijuca*, *Ubú*, *Guanabara*, *carioca* etc.
- (vii) Vocabulário de origem ioruba, a língua ioruba, uma das línguas faladas em Nigéria, Benim e Togo: *Orixá*, *Iemanjá*, *acarajé*, *vatapá*, *bobó*, *quindim*, *angu*, *quitute* etc.
- (viii) Vocabulário de origem quimbundo, uma das línguas faladas em Angola: *farofa*, *fubá*, *quiabo*, *jiló*, *caçula*, *moleque*, *samba*, *senzala*, *quilombo*, *banzo*, *cachimbo*, *cochilar*, *xingar* etc.

### 3 Dialetoлогия no Brasil

#### 3.1 Conceitos básicos

Dialetoлогия é o ramo da linguística que estuda as diferenças dialetais ou regionais de uma língua. Para Jean Dubois (1978:185), trata-se de uma “[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço, e de estabelecer-lhe os limites”. Segundo Peter Trudgill (1981:54), tradicionalmente, [...] a dialetoлогия consistia do estudo de formas linguísticas que variam geograficamente em áreas predominantemente rurais.

Gostaria de proceder a partir dos termos fundamentais para a compreensão qual é a diferença entre a língua e dialeto, e o que é a dialetoлогия. Segundo Carlota Ferreira e Suzana Alice Cardoso: “Uma língua é um sistema de sinais acústico-orais, que funciona na intercomunicação de uma coletividade. É um resultado de processo histórico, evolutivo.” (1994:11). As linguistas apontam que a língua apresenta suas particularidades regionais, sociais, estilísticas além das diferenças individuais, mostrando, assim, toda a sua complexidade variacional. Acrescentam que a língua homogênea é vista como um conjunto de variações, o que a tornaria heterogênea. Dessa forma, falar sobre a língua portuguesa, ou qualquer outra língua, como um sistema seria uma abstração (Ferreira e Cardoso, 1994:11).

Existem três tipos de diferenças internas em uma língua histórica: diferenças diatópicas, ou seja, geográficas, diferenças diastráticas, ou seja, as entre vários estratos socioculturais de uma mesma comunidade, diferenças diafásicas, ou seja, entre os tipos de modalidade expressiva, estilos ou circunstâncias da realização de fala. A essas três diferenças de uma língua histórica “correspondem três tipos de subsistemas que garantem uma homogeneidade relativa pela soma dos traços linguísticos coincidentes”: unidades sintópicas ou dialetos, unidades sinstráticas ou as de estratos sociais, unidades sinfásicas ou de estilo de língua. Para Carlota Ferreira e Suzana Alice Cardoso o conceito de dialeto é delimitado pelo entendimento de conceito de isoglossa<sup>6</sup> e define-se “como um feixe de isoglossas, ou seja, um conjunto de isoglossas, que se somam e que, portanto, mostram

---

<sup>6</sup> Isoglossa é “uma linha virtual que marca o limite, também virtual, de formas e expressões linguísticas”. As isoglossas podem mostrar os contrastes ou semelhanças no espaço geográfico, socioculturais ou os de estilo. Dependendo da natureza dos fatos linguísticos em questão, existem, por exemplo, isoléxicas, isófonas, isomorfas. (Ferreira e Cardoso, 1994, p. 13).

uma relativa homogeneidade dentro de uma comunidade linguística em confronto com outras” (1994:16). Todavia, alguns linguistas não reconhecem a diferença entre uma língua e dialeto, como por exemplo Eugenio Coseriu, que define essa diferença como a de apenas de um status histórico: “Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma).” (1982:11-12).

Alguns pesquisadores usam o termo dialeto para as variações somente diatópicas, ou seja, horizontais, deixando para sociolinguística os estudos das variações diastráticas, e à estilística – as variações diafásicas. Isso depreende uma conclusão que dialetologia, sendo linguística diatópica se preocupa com os estudos regionais, ou seja, das variedades rurais. Contrapondo essa visão, Juan Miguel Lope Blanch afirma: “Se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical.” (1978:42). Desse ponto de vista entende-se que a dialetologia, além da variedade rural, interessa-se pela variedade urbana, daí podendo falar sobre dialetologia rural e dialetologia urbana. Convém dizer que nos estudos linguísticos modernos de vez em quando torna-se muito difícil distinguir dialetologia da sociolinguística, pelo fato de as duas terem ficado muito próximas uma da outra. A curiosidade é que a separação entre as duas se observa mais nos objetivos de estudos que nos seus métodos.

Dialetologia não deve ser confundida com geografia linguística, que é um método utilizado pela dialetologia. Segundo Mônica Rector a geografia linguística é “[...] a representação de dialetos, em mapas, que constituem os Atlas Linguísticos” (1975:24). Quanto ao conceito de um atlas linguístico, Maria Silvana Militão de Alencar afirma que este “[...] é um conjunto de mapas nos quais são registrados os traços lexicais, fonéticos ou morfossintáticos de um determinado espaço geográfico” (2011:27).

## **3.2 Breve histórico dos estudos dialetais no Brasil**

### **3.2.1 O período pré-geolinguístico**

A primeira menção sobre o português do Brasil como uma variedade dialetal pertence a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, que em 1826 enquanto encarregado da função de ministro plenipotenciário na França, no capítulo para o livro *Indroduction à l'Atlas enthographique du globe* fez uma descrição da língua falada no Brasil e das suas diferenças do português falado em Portugal. Demonstrou principalmente as diferenças do léxico entre as duas variantes, apontando para as interferências das línguas indígenas, quanto aos termos e expressões, no português falado no Brasil. A sua descrição do léxico divide-se em duas partes: palavras, que adquiriram outro sentido no Brasil e palavras e expressões usadas exclusivamente no Brasil.

### **3.2.2 A primeira fase**

A primeira fase desse período está delimitada pelos estudos em volta do léxico do Brasil e das suas peculiaridades. Foram publicados inúmeros dicionários, vocabulários, glossários regionais, por exemplo: *Dicionário da língua portuguesa*, 1832, por Luís Maria Silva Pinto; *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa*, 1853, por Brás da Costa Rubim; *Linguagem popular amazônica*, 1884, por José Veríssimo; *O tupi na geografia nacional*, 1901, por Theodoro Sampaio; *Glossário paraense*, 1905, por Vicente Chermont de Miranda. Em 1870 publica-se o primeiro estudo de caráter gramatical do Brasil, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, por José Jorge Paranhos da Silva.

### **3.2.3 A segunda fase**

A segunda fase do período pode ser dividida em quatro grupos pelo caráter e objetivo das obras publicadas:

- (i) Os trabalhos que continuam a prática dos estudos lexicais da fase anterior: *Vocabulário gaúcho*, 1926, por Roque Callage; *Dicionário dos animais*, 1931, por Rudolfo von Ihering; *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul – Linguagem dos praieiros*, 1933, por Dante de Laytano.
- (ii) Os trabalhos que falam sobre o português do Brasil sob ângulo mais amplo: *O ritmo da língua nacional*, 1926, por Álvaro Maria; *O português do Brasil*, 1937, por Renato Mendonça; *O problema da língua brasileira*, 1940, por Sílvia Elia.
- (iii) Os trabalhos regionais que descrevem uma área linguística e tratam das suas peculiaridades linguísticas: *A linguagem dos cantadores*, 1933, por Clóvis Monteiro; *A língua do Nordeste*, 1934, Mário Marroquim; *O falar mineiro*, 1938, por José Aparecido Teixeira.
- (iv) Os trabalhos que destacam a contribuição africana no desenvolvimento do português do Brasil: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, por Jacques Raimundo; *A influência africana no português do Brasil*, 1933, por Renato Mendonça; *Os africanismos no dialeto gaúcho*, 1936, por Dante de Laytano.

Contudo, não encaixam nos grupos acima mencionados os dois grandes trabalhos deste período, que pela sua atitude inovadora alteram o percurso da dialetologia brasileira: *O dialeto caipira*, 1920, por Amadeu Amaral; e *O linguajar carioca*, 1922, por Antenor Nascentes.

O primeiro trabalho, que de fato marcou o início desta fase, abriu o portão para os estudos verdadeiramente dialetológicos no Brasil. No livro o autor se preocupa com a problemática da diversidade das variedades do português falado no Brasil e chama atenção para a necessidade e importância de trabalho *in loco* e cuidadoso e sistemático método de pesquisa para eliminação de qualquer tipo de incertezas e hipóteses da realidade linguística. Na sua obra-prima Amadeu Amaral trata do dialeto caipira, além do nível lexical, também no nível fonético, morfológico e sintático, acrescentado pelo vocabulário típico da região, estabelecendo assim um modelo para posteriores obras desse gênero no Brasil.



*O linguajar carioca* publicado em 1922 por Antenor Nascentes descreve o português do Brasil de uma forma geral e tenta situar o linguajar carioca no conjunto dos falares brasileiros. O autor sugere uma proposta da divisão dos falares brasileiros em falares do norte e falares do sul.

Convém destacar nesta fase mais dois trabalhos: *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, ambas publicadas em 1946 por Serafim Silva Neto, e em 1950 unidas em 1950 em um livro *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*.

### 3.2.4 A terceira fase

A terceira fase do período pre-geolinguístico é caracterizada já pela atitude sistemática aos estudos baseados em corpus e pela preocupação com estudos de geografia linguística no Brasil. O essencial acontecimento para a formação da direção de estudos nesta fase foi a realização da lei através do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, art.º 3, que como o principal objetivo da Comissão de Filologia de Casa de Rui Barbosa estabelece a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Quatro grandes nomes dessa fase, Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi são os pioneiros e as maiores referências dos estudos dialetais e geografia linguística no Brasil.

Antenor Nascentes previa que seria possível chegar à compreensão do português do Brasil somente no momento quando seria descrita a língua em todo o território nacional. Em 1958 publica *Bases para a elaboração do atlas linguístico do Brasil*, em que propõe que os atlas regionais estejam realizados nas áreas, onde já tinham sido feitas as sondagens, e a recolha dos dados percorresse sob os quatro pontos seguintes: dados sobre o informante, notas sobre a localidade, questionário da localidade, escolha de localidade. Organiza uma rede de encarregados de direção das pesquisas em cada região.

Serafim da Silva Neto fundou e dirigiu a *Revista Brasileira de Filologia*. Com o objetivo de criar uma mentalidade dialetológica para formação do ambiente favorável para as pesquisas de campo, sugeria que nas faculdades de letras realizassem os cursos de dialetologia brasileira e que se estabelecesse uma ligação entre os investigadores da língua e os investigadores de antropologia social. Delimita claramente as tarefas e uma trajetória

para realização das pesquisas dialetais: 1) sondagens preliminares; 2) recolha do vocabulário conforme as exigências técnicas; 3) monografias etnográfico-linguísticas sobre áreas semânticas e sobre falares da região; 4) atlas regionais; 5) atlas nacional.

Celso Cunha contemplava a língua na perspectiva histórica, se preocupava com a política de conhecimento e ensino da língua portuguesa. Enfatizava a necessidade do desenvolvimento de um atlas nacional, ao qual se poderia chegar através dos atlas regionais. É o incentivador da geografia linguística no Brasil. Celso Cunha foi um dos responsáveis pelo *Projeto de Estudo Conjunto da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil* (NURC).

Nelson Rossi ao chegar à Universidade Federal da Bahia estabeleceu, segundo o exemplo de Coimbra, um laboratório de fonética experimental. Constrói e desenvolve o método de trabalho em equipe. Nelson Rossi pela elaboração do primeiro atlas linguístico do Brasil, *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) em 1963, é considerado o pioneiro da implementação da geografia linguística no Brasil.

### **3.3 Atlas linguístico do Brasil**

O supremo projeto de *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB), tendo como objetivo a realização de um atlas geral da língua portuguesa no Brasil, era uma iniciativa indubitavelmente muito desafiadora e de vasta amplitude, tanto como é o próprio território do Brasil. Portanto, em virtude da sua grandiosidade, logo depois do início deste empreendimento, os dialetólogos brasileiros optam pelo caminho para a sua realização através do mapeamento linguístico do país, elaborando primeiramente os atlas regionais.

Dessa forma, a partir de 1952 no Brasil foram publicados dez atlas regionais: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (1963), *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (1977), *Atlas Linguístico da Paraíba* (1984), *Atlas Linguístico de Sergipe* (1987), *Atlas Linguístico do Paraná* (1994), *Atlas Linguístico de Sergipe II* (2002), *Atlas Linguístico Sonoro do Estado do Pará* (2004), *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (2007), *Atlas Linguístico do Estado do Ceará* (2010).

Mais para o fim do século passado o ALiB começa a ganhar corpo e a equipe da Universidade Federal da Bahia mais uma vez toma iniciativa em concretização da proposta do ALiB, que se torna um projeto conjunto envolvendo doze universidades do país.

Finalmente em 2014 durante o *III Congresso de Dialetologia e Sociolinguística* (III CIDS), realizado em Londrina<sup>7</sup> ocorreu o lançamento dos dois primeiros volumes do ALiB. O volume I é o de Introdução e o Volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais do país.

### **3.4 Termos *dialeto* e *falar***

Como ligeiramente demonstrado no primeiro subcapítulo, não se encontra unanimidade nenhuma entre os linguistas quanto à definição do termo *dialeto*. Contudo, tomando como ponto de partida o critério geográfico na designação do termo, chegaremos também à problemática de designação do termo *falar*, e a sua identificação como o sinônimo para um dialeto ou um conceito diferenciado. A verdade é que há ainda maior ambiguidade no que diz respeito à discriminação entre os dois termos.

Dessa forma, por exemplo Joaquim Mattoso Câmara Jr. entende falares como subdivisões de um dialeto, ou seja, as variações locais de um dialeto, ou subdialeto: “Os dialetos são a rigor conjuntos de *Falares* que concordam entre si por certos traços essenciais. Os falares se caracterizam ainda em face da língua comum, pela circunstância de pertencerem à língua cotidiana oral, de sorte que a língua escrita, na região em que cada um deles vigora, se cria na base da língua comum, embora possa se apresentar às vezes menos ou mais contaminada pelos traços do falar local.” (1984:115).

Antenor Nascentes no seu trabalho *Linguajar carioca* reconhece a dificuldade de estabelecer uma linha divisória entre os dois termos, contudo concorda com Jules Marouzeau que o dialeto é uma forma tomada pela língua em uma determinada área, e que o falar é uma particularidade expressiva utilizada por um determinado grupo no interior de uma área linguística (1953:17).

Mário Roberto Zágari adere ao campo ideológico da distinção entre uma língua e um dialeto explicando que não é de caráter linguístico, mas é determinado pelos fatores

---

<sup>7</sup> Uma cidade no estado de Paraná.

históricos, políticos, sociais, culturais e religiosos. Deixa assim de utilizar o termo dialeto como uma variação linguística de uma determinada área e, em vez disso, abraça plenamente o termo falares e variedades (1998:48).

Celso Cunha e Lindley Cintra, adotando a visão de Manuel Alvar, sugerem que o dialeto é um desvio de uma língua comum em uma delimitada área geográfica, contudo não apresenta grandes diferenças em comparação com os outros desvios da mesma origem. Além do mais, pode ser chamado de dialeto uma estrutura linguística que não atinge o nível de categoria de uma língua. O falar, por sua vez, seria uma estrutura expressiva de um determinado espaço geográfico, que não chega a ser categorizada como um dialeto. Embora tenham apresentado essas sugestões, em virtude da dificuldade de apresentação na prática das diferenças entre os dois termos, os autores confinam-se a uso do termo dialeto. (2001:3).

Maria da Socorro Silva Aragão equaliza os termos dialeto e falar e, procedendo a partir do conceito de uma língua ser uma unidade indivisível, um sistema linguístico, chama de dialetos as variações regionais coletivas ou individuais, ou seja, os subsistemas de uma língua. (1983:17).

Apesar de uma ampla gama de atitudes no que diz respeito à definição do termo dialeto e termo falar na sua aposição, a dialetologia brasileira inclina mais ao emprego do termo falar que dialeto. Sílvia Elia, por exemplo, explica e justifica a preferência do termo falar pelo fato de como no caso do Brasil uma língua se espalhou e consolidou em um determinado território, diferente da maneira de como o mesmo ocorreu na Europa: “Os falares resultam de uma *expansão* da língua comum, que vai tomando colorações locais de acordo com as condições geo-humanas de cada região. Não apresentam uma *superposição* de línguas, como se deu com os dialetos românicos na Europa, mas o alargamento da mesma língua comum, que vai ocupando os espaços vazios ou rarefeitos de um território progressivamente colonizado [...]. Por isso é comum e legítimo aludir a dialetos franceses, italianos ou espanhóis, mas a essa denominação é preferível, entre nós, o termo falar.” (1962:64).

### 3.5 Breve histórico dos estudos dialetológicos do português em Minas Gerais

#### 3.5.1 O linguajar carioca

No histórico de estudos dialetais de Minas Gerais convém mencionar como primeiro trabalho a obra-prima de Antenor Nascentes *O linguajar carioca* 1922, embora o trabalho, como se depreende do título, não tenha como o seu foco o português falado em Minas Gerais. A grande importância deste livro em todos os aspetos provém da proposta do autor de uma divisão do português do Brasil em *falares do norte* e *falares do sul*, baseada na “cadência e na existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*” (1953:25). Esses dois grandes grupos são divididos em seis dialetos: amazônico, nordestino, baiano, sulista, mineiro e fluminense. Dialeto mineiro segundo o autor é representado por quatro dialetos diferentes:

- (i) *dialeto baiano*: norte e nordeste de Minas Gerais;
- (ii) *dialeto fluminense*: zona da Mata<sup>8</sup> e leste de Minas Gerais;
- (iii) *dialeto sulista*: sul de Minas Gerais e Triângulo Mineiro<sup>9</sup>;
- (iv) *dialeto mineiro*: centro oeste e a parte leste do estado.

#### 3.5.2 O Falar Mineiro

Outro trabalho da primeira metade do século XX de grande importância para a compreensão do português falado em Minas Gerais é o livro *O falar mineiro* escrito por José Aparecido Teixeira em 1938. O livro é apresentado em forma de notas dos traços característicos da fala mineira da época, recolhidas em várias regiões do estado. O autor, em virtude da convicção da época do português do Brasil sendo um dialeto do português europeu, chama a fala de Minas Gerais de subdialeto do dialeto brasileiro (1938:9).

---

<sup>8</sup> Uma das mesorregiões de Minas Gerais, situada no sudeste do estado à divisa dos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

<sup>9</sup> Região que faz parte da Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, situada no extremo oeste do estado, vizinhando com os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Goiás.

Propõe-se no livro tanto a classificação da fala mineira, como a do português brasileiro em geral, sob o ponto de vista sociolinguístico em três categorias:

- (i) a linguagem popular referente à população em massa analfabeta e semianalfabeta;
- (ii) a linguagem da classe média;
- (iii) “a linguagem oficial, que é a portuguesa, a língua das escolas, dos atos públicos, e de reduzidíssimo número de indivíduos da pequena aristocracia social e cultural” (1938:10).

Apesar da exaustiva descrição dos traços da fala mineira, *O falar mineiro* não recebeu uma devida atenção dos pesquisadores do tema de hoje em dia, a despeito de a análise apresentada no livro coincidir com os dados das pesquisas mais recentes.

### 3.5.3 *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*

Mário Roberto Zágari, com base em dados fonológicos e lexicais, em 1977 publica o *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais* (EALMG). Essa publicação pode ser considerada um marco inicial na história dos estudos dialetológicos da fala mineira e, pelo seu mérito do trabalho de campo realizado e a sua estrutura e sistematização metodológica, também é um grande atingimento na dialetologia brasileira. O atlas não se preocupa com análises quantitativas, mas rigorosamente persiste em registro dos fatores de perfil dos informantes. O volume I, publicado em 1977, tem servido como um guia para as posteriores pesquisas da fala mineira e como um modelo para os trabalhos dialetológicos brasileiros em geral. Os volumes II e III nunca chegam a ser publicados. No atlas introduz-se a divisão da língua de Minas Gerais em três falares (vd. anexo 1):

- (i) *falar baiano*: influenciado pela vizinhança com o estado da Bahia, abrange a região do norte de Minas Gerais;
- (ii) *falar paulista*: influenciado pela vizinhança com o estado de São Paulo, abrange o Triângulo Mineiro e região sul de Minas Gerais;
- (iii) *falar mineiro*: falar mais típico do estado e não apresenta traços fonéticos da fala dos estados vizinhos, abrange a região formada pela

Zona da Mata, Campo de Vertentes<sup>10</sup>, a capital Belo Horizonte e os seus arredores.

#### 3.5.4 Projeto Mineirês

O *Projeto Mineirês*, também intitulado como *A construção de um dialeto: o mineirês belo-horizontino* é um projeto desenvolvido por uma equipe da Universidade Federal de Minas Gerais sob coordenação de Jânia Martins Ramos. O projeto, realizado no período entre os anos de 2007 a 2008, teve como o seu objetivo a descrição do falar principalmente da região Belo Horizonte, que, segundo a classificação introduzida por Mário Roberto Zágari, é uma das áreas representantes do falar mineiro. Além disso, um dos outros pontos focais do projeto era a apresentação da base socio-histórica dos fatos linguísticos em descrição e análise da categorização trinitária do português falado em Minas Gerais proposta no EALMG. Além de Belo Horizonte, foram analisados os dados de outras localidades: Ouro Preto e Mariana<sup>11</sup>, Arceburgo<sup>12</sup>, São João da Ponte e Lontra<sup>13</sup>. Os resultados do projeto foram apresentados ao circuito acadêmico através de diversas publicações, às quais recorreremos mais adiante.

---

<sup>10</sup> Uma das mesorregiões de Minas Gerais, situada no centro-sul do estado logo abaixo da mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

<sup>11</sup> Município Ouro Preto e município de Mariana pertencem à microrregião de Ouro Preto, situada no sudeste da mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte.

<sup>12</sup> Município na microrregião de São Sebastião do Paraíso, situada no noroeste da mesorregião Sul e Sudoeste de Minas.

<sup>13</sup> Município de São João da Ponte e município de Lontra pertencem à microrregião de Montes Claros, situada no centro da mesorregião Norte de Minas.

## 4 O português falado em Minas Gerais

O estado de Minas Gerais pertence à Região Sudeste do Brasil e ocupa o território de 586 852,35 km<sup>2</sup>, correspondendo assim ao tamanho do território da Península Ibérica. O estado tem a população, conforme a estimação de 2016, de 20.997.560 de habitantes, sendo assim o segundo estado mais populoso no Brasil depois de São Paulo. Minas Gerais consiste de 66 microrregiões agrupadas em 12 mesorregiões (vd. anexo II): Campo das Vertentes, Central Mineira, Jequitinhonha, Metropolitana de Belo Horizonte, Noroeste de Minas, Norte de Minas, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Vale do Mucuri, Vale do Rio Doce, Zona da Mata. Minas Gerais sendo o estado litoral faz divisa com 6 estados mais o Distrito Federal: São Paulo (sul e sudeste), Rio de Janeiro (sudeste), Mato Grosso do Sul (oeste), Goiás e Distrito Federal (noroeste), Espírito Santo (leste) e Bahia (norte e nordeste).

### ***4.1 Bases históricas, económicas, sociais e étnicas no desenvolvimento da língua falada em Minas Gerais***

#### **4.1.1 Período pré-aurífero**

Dos povos indígenas que habitavam e constantemente circulavam o atual território de Minas Gerais tem escassa memória escrita. Sabe-se que eram mais que cem povos de ascendência variada, que nem sempre falavam línguas da mesma família, por exemplo: Aimorés, Tapuia, Cataguás, Goitacás, Puri, Araxá, Caiapó, Urucuia, Paracaru, Cariri, Cururu etc. Hoje extintos esses povos figuram na atualidade mineira apenas em nomes das ruas de Belo Horizonte, e como aqueles que entraram na formação mestiça de mineiros. Povos indígenas que apesar de tudo resistiram e continuam no estado de Minas Gerais são poucos: Krenak, Maxakali, Xacriabá, Aranã, Kaxixó, Pataxó, Xukuru-Kariri, Pankararu. Esses povos, tanto como os povos extintos, são nativos falantes de várias línguas principalmente do tronco macrojê<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> Ao longo do tronco tupi, um dos maiores troncos linguísticos das línguas indígenas do Brasil.



No contexto do Brasil pós-chegada dos europeus, a história do território, que hoje compreende o estado de Minas Gerais, começa em meados do século XVI, quando se realizavam as primeiras expedições exploradoras originadas da capitania da Bahia. Não obstante, o mérito de desbravamento do território do futuro Minas Gerais e da própria origem da colonização do estado é atribuído aos desbravadores paulistas, conhecidos como bandeirantes.

Nas primeiras fases da colonização o interior do Brasil permanecia completamente desconhecido por muito tempo. Entretanto o que abriu a porta para exploração do interior foi o surgimento no mapa da colônia de São Paulo, então chamado de arraial de São Paulo do Campo de Piratininga, fundado pelos jesuítas em 1554 na capitania de São Vicente. Lá os jesuítas puseram-se com muito vigor à catequização dos povos locais e o vilarejo crescia, ao desgosto das tribos indígenas em vizinhança. Portanto, São Paulo pelas constantes lutas pelo território encontra-se no quase permanente estado de guerra e pelas questões de segurança organizavam-se umas unidades de proteção, cujo nome era bandeiras<sup>15</sup>, que defendiam o povoamento contra ataques indígenas. Com tempo as bandeiras evoluíram em expedições destinadas à exploração do interior do Brasil para os fins de busca das riquezas minerais, cativação dos indígenas para serem escravizados, ou extermínio dos quilombos. Os índios em tentativas de fugir da escravidão, iam cada vez mais para o interior do país, e os bandeirantes seguiam-nos cada vez mais arriscando a sua vida, criando assim quase um ciclo vicioso.

Na pobre região da capitania de São Vicente, sem grandes recursos materiais e desapropriada para a cultura da cana-de-açúcar, a única coisa, que sempre estava ao alcance, eram os indígenas. O índio em São Paulo era o escravo, o objeto de mercadoria, enfim era o meio de sobreviver. Sobreviver também pela reprodução e aumento da população. Dessa maneira, os portugueses de São Paulo foram os maiores incentivadores da miscigenação no Brasil o que sucede que com muito sucesso formava-se em São Paulo uma nova entidade étnica, composta quase inteiramente pelos mamelucos: “Em São Paulo surge, por isso, com uma configuração histórico-cultural de povo novo, plasmada pelo cruzamento de gente de matrizes raciais díspares e pela integração de seus patrimônios

---

<sup>15</sup> “A expressão bandeirante refere-se aos aventureiros que participaram de expedições armadas pelo interior do Brasil entre os séculos XVI e XVII. Mas foi denominação somente difundida nos séculos XVIII, pois antes eram eles conhecidos como ‘gente de São Paulo’ e ‘paulistas’”. (Vainfas, 2000, p. 64).

culturais sob a regência do dominador que, ao longo termo, imporá a preponderância de suas características genéticas e de sua cultura” (Ribeiro, 1995:370). O estilo de vida dos paulistas não se diferenciava do indígena nos seus hábitos e pelo seu caráter tribal. Entre os paulistas falava-se exclusivamente a língua geral, ou seja, a sua variação do Sul<sup>16</sup>, que foi disseminada com as bandeiras pela boa parte do interior do sudeste e centro-sul do Brasil.

#### 4.1.2 Período aurífero

A maior esperança dos bandeirantes nas suas entradas para o interior sempre foi a descoberta de metais ou pedras preciosos. Afinal das contas, o ouro apareceu no início da última década do século XVII nas cercanias do rio Itaverava, hoje em dia município de Itaverava<sup>17</sup> no sudeste de Minas Gerais. Eis o começo da corrida de ouro no Brasil e o marco inicial na história de Minas Gerais. Multidões de gente acudiram para essa zona de mineração recém-descoberta – de Portugal e de todo o território do Brasil, mas sobretudo, nos direitos dos descobridores, de São Paulo: “Lançado o grito de descoberta do outro, desencadeou-se para os sertões das Gerais uma torrente imigratória que tem poucos paralelos na história da humanidade. Caudais humanos procurara, a região das minas, partidos de todas as direções.” (Zemella, 1990:45). Em 1709 foi criada a Capitania de São Paulo e Minas de Ouro, que posteriormente em 1720 foi dividida em Capitania de São Paulo e Capitanias das Minas Gerais.

A primeira onda de povoamento de Minas Gerais, que era predominantemente constituída pelos paulistas, deu a todos os fenômenos naturais encontrados no caminho nomes em tupi, a língua que nunca tinha sido falada pelos índios nativos da região. Nas zonas de mineração a sociedade desenvolve uma face de qualidades oriundas do tronco paulista mesclados com as dos brasileiros de outras regiões, europeus recém-chegados, escravos, tanto nativos africanos, como os das antigas zonas açucareiras. É impressionante, que até 1720, em menos de um quarto de século depois dos primeiros achados de ouro, a

---

<sup>16</sup> O tupi antigo simplificado e gramaticalizado pelos jesuítas no século XVI transformou-se aos poucos na língua geral, que posteriormente se desenvolveu em dois ramos, o do Norte e o do Sul. A língua geral do Norte pertencia à região amazônica e a do Sul transformou-se em língua geral paulista, também conhecida por língua geral meridional.

<sup>17</sup> Um dos municípios da microrregião de Conselheiro Lafaiete e mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, situado no sudeste do estado.

capitania de Minas Gerais tenha sido povoada de uma forma incrível, sem precedentes na história da então colônia: “Possuía a capitania, nessa data, cerca de duzentos e cinquenta mil habitantes dos quais, aproximadamente cem mil brancos, cinquenta mil escravos africanos e aproximadamente cem mil pardos e mestiços. Em 1738 continuava o crescimento vertiginoso da população que orçava então, em mais de trezentas mil almas [...]” (Lima Jr., 1978: 40).

Devido à interação dos paulistas com novos elementos étnicos, a partir da metade do século XVIII, a língua geral paulista começa a cair gradualmente em desuso, e seu desaparecimento absoluto consolida-se pela proibição da língua geral em todo o território da colônia e a expulsão dos jesuítas do Brasil. Imigração em massa dos portugueses, seduzidos pela descoberta de ouro e diamantes enraíza a língua portuguesa, que também era praticada pelos escravos de origem africana, levados ao Minas Gerais em quantidades enormes e forçados a adotar a língua dos seus usurpadores para se comunicarem com outros escravos. Aproximadamente um terço dos de cerca de três milhões dos escravos no Brasil era reencaminhado para Minas Gerais no século XVIII. Como em todo o Brasil, pela ínfima quantidade de mulheres brancas, surgem aqui gerações de mestiços, tornando-se no fim do século a camada mais populosa do estado.

Os principais núcleos urbanos daquela época eram a Vila do Ribeirão do Carmo, hoje em dia Mariana, e Vila Rica, hoje em dia Ouro Preto. As duas cidades por estarem localizadas muito próximas uma da outra rivalizavam em quase todas as áreas da vida social. Todavia, Vila Rica sempre ganhou maior visibilidade pelo fato de ter sido escolhida a capital da então capitania de Minas Gerais. O caos da primeira fase da época aurífera se regularizou, e a capitania se tornou o centro econômico mais importante e mais próspero da colônia. O enorme crescimento da população exigiu o estabelecimento de um pujante mercado interno para a sua sustentação. Pela primeira vez na colônia um mercado não orientado puramente na exportação.

Para a prosperidade cultural e intelectual da capitania contribui a classe média, composta pelos artesãos, artistas, músicos, comerciantes, engenheiros etc.; e a classe alta, representada pelos enriquecidos mineradores, cujos filhos formados nas universidades

portuguesas, desenvolvem aqui uma onda da literatura arcádica, dando origem à excecional tradição literária proveniente de Minas Gerais.

#### 4.1.3 Período pós-aurífero

O ciclo de ouro não durou muito e a época mineradora entra na decadência por volta de 1750. A escassez de ouro leva a Coroa a aumentar impostos na região, o que provoca o surgimento de um movimento separatista malsucedido, conhecido como a Inconfidência Mineira. O ouro acaba e as zonas de mineração se esvaziam. A população se dispersa pelo interior, expandindo assim as fronteiras da capitania. O fim do período da mineração desperta o desenvolvimento de agricultura e pecuária, transformando os antigos mineradores em fazendeiros e criando assim uma nova identidade de Minas Gerais.

Entretanto, em 1815 o Brasil-colônia deixa de existir e cede o lugar ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, no âmbito do qual em 1821 as capitanias transmudam em províncias. Assim a capitania de Minas Gerais foi renomeada em província de Minas Gerais, que por sua vez foi sucedida pelo estado de Minas Gerais com a posterior Proclamação da República Brasileira em 1889.

No início do século XIX surge um novo elemento na dinâmica da economia da região – a cafeicultura, que aos poucos se torna a principal atividade de Minas Gerais e o maior fator instigante para o povoamento, desenvolvimento da infraestrutura e a posterior industrialização na região. Contudo, no início do século XX o estado começa a revitalizar a sua vocação mineradora e se reafirma na produção metalúrgica e aproveitamento dos recursos naturais.

No fim do século XIX, ainda a capital de Minas Gerais, a cidade de Ouro Preto pela sua topografia já não correspondia ao ambicioso desenvolvimento físico e urbano do estado. Portanto, em 1893 o Congresso Legislativo do Estado de Minas Gerais designa o arraial Belo Horizonte como o local da construção da nova capital do estado. Em 1897 teve lugar a inauguração da capital Belo Horizonte, ao longo do século XX adquiriu a alcunha *Bê-agá*, derivada da sua abreviação *BH*. A construção da nova capital do zero, sendo um projeto desafiador de curto prazo, necessitava de uma mão-de-obra em massa. Portanto, a partir dessa urgência na construção da cidade „que se deu a vinda de operários de várias

partes do interior do estado e também de mão-de-obra estrangeira, formando um contingente de pessoas que conseqüentemente passariam a fazer parte da população de Belo Horizonte, ainda que temporariamente“ (Souza e Chaves, 2011:58).

Em meados do século XIX e início do século XX, atraídas pelas novas oportunidades criadas no Brasil, pela diversificação económica, expansão da cafeicultura e sobretudo pelo fim do regime escravista, do qual resulta a falta de mão-de-obra, grandes quantidades de gente de várias nacionalidades predominantemente europeias se lançaram ao Brasil. Porém, esse processo migratório teve suas peculiaridades em Minas Gerais, apresentadas pela abordagem da transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Em momento quando a cafeicultura obteve uma indubitável significância, Minas Gerais possuía a mais numerosa população dos ex-escravos no país, e os cafeicultores em vez de atração da força exterior, optaram pela reorganização do trabalho dentro do estado. Disso depreende que Minas Gerais participou no acolhimento das ondas migratórias na escala muito menor que os outros estados do Brasil. Conforme Ana Lúcia Lanna: “Minas Gerais traça uma série de políticas públicas de imigração que têm, em geral, como objetivo maior a colonização, entendida [...] como assentamento de população em núcleos de povoamento, e não como oferta de mão-de-obra para os fazendeiros” (1988:47). Dos imigrantes que Minas Gerais apressar de tudo recebeu, a maioria eram os italianos, sendo o terceiro estado do Brasil que os mais acolheu. Contudo o modesto número de cerca de sessenta mil italianos acolhidos em Minas Gerais em contraste com cerca de milhão e duzentos hospedados em São Paulo, a língua em Minas Gerais não chega a ser influenciada pela língua italiana da forma como ocorreu em São Paulo. A grande parte dos italianos em Minas Gerais se concentraram em Belo Horizonte, atraídos pelo processo da construção da nova capital, ao qual contribuíram significativamente.

Como observamos, povo mineiro apresenta uma intensa diversidade étnica e cultural. A febril história de Minas Gerais tornou o seu território em um enorme crisol das culturas, o que naturalmente se refletiu no jeito mineiro de falar a língua portuguesa. Minas Gerais é plural não somente em seu nome, mas também na sua origem. Afinal das contas, como disse o grande escritor e o maior *connaissanceur* da terra mineira, Guimarães Rosa: “Minas são muitas, porém poucos são aqueles que conhecem as mil faces das Gerais.”

## 4.2 As principais características do português de Minas Gerais

### 4.2.1 As observações do *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*

Como vimos no subcapítulo 3.5, a divisão dialetológica do estado de Minas Gerais apresentada por Antenor Nascentes em *O linguajar carioca* se difere substancialmente da divisão proposta por Mário Roberto Zágari em *Esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais*.

Na sua divisão, Antenor Nascentes indica quatro áreas dialetais ocorridas no território mineiro, contudo no seu “ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoque ao Chuí, de Recife a Cuiabá” (1953:24) baseia a sua proposta nas impressões de uma breve viagem por Minas Gerais, sem proporcionar as especificações da sua pesquisa. José Aparecido Teixeira em *O falar mineiro*, comentando a proposta da divisão por Antenor Nascentes, aponta para a falta dos estudos das “variantes dialetais das regiões que formam os sub-dialetos mencionados” (1938:11). De qualquer forma, não podemos esquecer, que o português mineiro nunca foi o alvo dos estudos apresentados em *O linguajar carioca*. Desse modo, julgo mais relevante optar pela divisão das áreas dialetais no território mineiro proposta por Mário Roberto Zágari, pelo fato que foi o fruto do trabalho mais recente e mais direcionado ao estudo do português falado em Minas Gerais.

Mário Roberto Zágari direciona o seu estudo inteiramente ao português mineiro e procura delimitar as diferenças na fala dentro do estado. Com o objetivo da recolha dos dados mais precisos possíveis, a sua pesquisa desenrola em cento oitenta e quatro localidades em Minas Gerais através de entrevistas *in loco* em forma de aplicação de um questionário previamente elaborado. Os informantes são de faixa etária variável e variado nível de escolaridade, contudo de “bom nível de inteligência, mesmo quando analfabeto, capaz de manter um diálogo com facilidade em temas da sua vivência quotidiana” (Zágari, 2013:47). O resultado dessa enorme pesquisa é a divisão do território mineiro em três regiões dialetais independentemente dos estratos sociais: *falar baiano*, *falar paulista*, *falar mineiro* (vd. anexo I). Ao estabelecer a sua divisão, ainda assim Mário Roberto Zágari realça a impossibilidade da delimitação definitiva das suas fronteiras, por que as regiões se encontram em constante contato e as suas divisas são às vezes desordenadamente interpostas e se movem. Ainda por cima, a difusão das peculiaridades da fala muitas vezes é um processo autónomo. Ao mesmo tempo o autor afirma que apesar das diferenças dos

três falares, “um belo-horizontino, um januarense e um uberlandense se sabem brasileiros e mineiros pela língua que falam, mas se sabem, também, participantes de uma variedade, de uma diferente norma de fala. Qualquer observador atento notará serem eles oriundos de espaços diferentes das Minas Gerais” (2013:51). Segue abaixo a breve descrição dos três falares conforme os dados apresentados no EALMG.

(i) O *falar baiano* caracteriza-se pelo ritmo mais arrastado e foneticamente por: a predominância das vogais baixas na posição pretônica como em *orvalho* [ɔh 'vaɫu], *sereno* [sɛ 'renu]; a africada [tʃ] diante da vogal alta [i], como em *muito* [ 'mũtʃu], *oito* [ 'oʃu]; a realização de [d] e [t] como oclusivas alveolares sonora e surda, como em *idade* [i 'dadi], *dente* [ 'dêti]; a nasalidade da sílaba átona, como em *banana* [bã 'nãna], *caminhão* [kamĩ 'nãw]. Observa-se no âmbito do falar baiano também a ocorrência dos itens lexicais, cujos significados são ignorados nas outras regiões de Minas Gerais: *neve* = erração, *chuva-de-flor* = granizo, *zeleção* = estrela cadente, *china* = bola de gude, *queiro* = dente do siso, *bituca* = toco de cigarro, *ponga* = carona.

(ii) O *falar paulista* caracteriza-se pelo ritmo mais veloz em comparação com o *falar baiano* e por uma inconfundível marca do sul de Minas Gerais, e toda a região da cultura caipira<sup>18</sup> - [ɫ] retroflexo – como em *porto* [ 'poɫu], *alpargata* [awpaɫ 'gata]. A realização [ɫ] retroflexo aqui ocorre absolutamente na fala informal independentemente do nível da escolaridade do informante. Observam-se no *falar paulista* algumas preferências lexicais: *ramona* = grampo, *rabicó* = animal sem rabo, *cachopa/caixote* = colmeia, *chuva-de-rosa* = granizo.

(iii) O *falar mineiro* não possui nenhum dos traços pertencentes aos *falar baiano* e *falar paulista*, mas caracteriza-se pela redução dos ditongos [aj], [ej] e [ow] quando não finais, como em *caixa* [ 'kaʃa], *peixe* [ 'peʃi], *pouco* [ 'poku]; e pela ditongação das vogais precedentes a uma sibilante como em *arroz* [a 'hojs], *faz* [ 'fajs], *nós* [ 'nojs].

É interessante observar, que a ditongação acima mencionada na maioria de casos não ocorre no falar belo-horizontino, salvo algumas palavras que são geralmente ditongadas no Brasil, como *três*, *mas*. Apesar de que a divisão da EALMG a situa dentro do *falar mineiro*, em virtude das características da história da sua formação ao longo do

<sup>18</sup> Vd. Subcapítulo 4.2.4.1

século XX, a fala belo-horizontina apresenta um tipo de koiné da língua falada em Minas Gerais. Recebendo gente de todas as regiões do estado e o exterior do país, que trabalhava na construção da cidade, Belo Horizonte serviu como um caldeirão para o contato linguístico de várias regiões. Desse modo, o falar belo-horizontino pode ser entendido como o resultado da confluência de três falares mineiros, ou seja, a quintessência do português falado em Minas Gerais: “[...] a fala belo-horizontina pode até ser tratada como uma língua comum, que não se distingue dos diversos falares predominantes no Estado a não ser por oposições superficiais dentro do sistema geral de oposições fundamentais que reúne todas as particularidades de uma língua” (Souza e Chaves, 2011:63).

Sendo assim a forma genérica da língua falada em Minas Gerais, requintada pelo processo de nivelamento de falas de todas as regiões do estado, a fala de Belo Horizonte mais que tudo merece ser destacada neste trabalho, ao que gostaria de proceder na descrição dos dados do *Projeto Mineirês*.

#### 4.2.2 As observações do *Projeto Mineirês*

Tendo como o ponto de partida a tripartição geolinguística do EALMG, o *Projeto Mineirês* procurou explicar o que é a fala mineira mediante a abordagem socio-histórica e sociolinguística. O projeto identifica o *dialeto* mineiro com o falar belo-horizontino pelo mérito do último de reunir as qualidades de todos os três falares do estado em um só lugar. Ao longo do projeto foi realizado um levantamento de informações sobre as marcas mais identificadas com a fala mineira, o que sucedeu na determinação de alguns fenômenos fonético-fonológicos. Segue abaixo a classificação generalizada desses fenômenos segundo a coordenadora do projeto Jânia Martins Ramos (Souza e Chaves, 2011:63):

- (i) Apagamento da sílaba átona final: mesmo [ ' mez]; olhe [ ' ɔ]; queijo [ ' keĩ]; pode [ ' pɔ]; conforme [cõ ' foh]; negocinho [nigu ' sĩ]; pequenininho [piki ' ninĩ]; lugarzinho [lugh ' zĩ];
- (ii) Apagamento da consoante final: pôr [ ' po]; demais [ɖʒi ' mai]; senhor [ ' so]; arredar [he ' da];



- (iii) Apagamento de segmentos pós-tônicos não finais: *ônibus* [ ' õs]; *eles* [ ' es];
- (iv) Apagamento da vogal átona final: *beleza* [be ' lez]; *isso* [ ' is], *ajude* [ a ' ʒud]; *esse* [ ' es];
- (v) Apagamento de segmentos iniciais átonos: *você* [ ' se]; *arrastar* [has ' ta]; *ajuda* [ ' ʒuda];
- (vi) Apagamento de segmentos pré-tônicos não iniciais: *senhor* [ ' so];
- (vii) Ditongação: *mas* [ ' maj]; *nós* [ ' nɔ̃]; *bom* [ ' bɔ̃u]; *rapaz* [ha ' pã];
- (viii) Monotongação: *eu* [ ' o]; *vou* [ ' vo]; *não* [ ' nũ];
- (ix) Alçamento, ou elevação das vogais médias pré-tônicas: *menino* [mi ' ninu]; *negocinho* [nigu ' s̃i]; *demais* [dʒi ' mãs]; *pequeninho* [piki ' ninĩ].

Como se vê, os traços acima mencionados têm a ver preponderantemente com a redução dos segmentos das palavras, indubitavelmente sendo o traço mais típico do jeito de falar em Minas Gerais. Como já mencionamos, a pesquisa do *Projeto Mineirês* deu-se em numerosas publicações acadêmicas, às quais recorreremos mais adiante na descrição mais detalhada de alguns fenômenos do falar mineiro.

#### 4.2.3 As observações de *O falar mineiro* e resumo geral

Voltando às raízes dos estudos no campo do português mineiro, gostaria de realçar mais uma vez o mérito de *O falar mineiro*, que, apesar da sua remota publicação, continua atual, apresentando uma abrangente e nítida descrição dos pormenores da fala mineira. Desse modo, gostaria de listar aqui alguns fenômenos do *dialeto* mineiro registrados pelo autor como um resumo geral dos traços mais característicos da fala mineira. Em virtude da grande extensão dos fenômenos anotados por todo o território do estado, optei pela demonstração daqueles, que complementam os traços já observados acima, e daqueles que

tenho deparado e destacado pessoalmente na minha própria experiência com os nativos falantes do mineirês.

#### 4.2.3.1 Fonética e fonologia

No plano fonológico, em primeiro lugar gostaria de destacar a introdução à fala mineira, que se caracteriza “por uma grande suavidade na pronúncia. Nela impera, mais do que outra, a lei do menor esforço, criando, através as alterações fonéticas, um timbre de notas aveludadas, que traduz o temperamento brando e suave, gerado nos longos anos de pacíficas atividades agrícolas e pastoris” (1938:12). Segue abaixo uma lista de fenômenos fonológicos assinalados, resumidos pelas suas alterações, ou seja, metaplasmas; sem divisão regional na sua ocorrência e distribuição nas classes sociais.

Os fenômenos de transformação:

- (i) Ocorre o reforço de nasalização de [a] diante uma consoante nasal: *cama* [ ' kãma], *pano* [ ' pãnu], *falamos* [fa ' lãmus], *vamos* [ ' vãmus]. Ocorre às vezes a nasalização de [i] átono inicial: *ilegítimo* [ĩli ' ʒiʔĩmu], *iludir* [ĩlu ' ɖʒih]. Pelo contrário, a desnasalização pode ocorrer no final da palavra: *bênção* [ ' bẽsa], *ímã* [ ' ima], *fizeram* [fi ' zero], *mandaram* [mã ' daro], *levaram* [le ' varo], *imagem* [i ' maʒi], *bobagem* [bo ' baʒi], *virgem* [vir ' ʒi].
- (ii) A despalatalização decorre muito frequentemente mediante de [ʎ] realizado como glide [j]: *mulher* [mu ' je], *família* [fami ' ja], *trabalha* [tra ' baja], *olho* [ ' ojo] reduzido para [ ' oĩ], *filho* [ ' fiʒo] reduzido para [ ' fiĩ], *velho* [ ' veʒo] reduzido para [ ' veĩ]. Não raramente [ɲ] também transforma em iode: *minha* [ ' mija].
- (iii) É possível a ditongação de [a] tónico diante das oclusivas [s] e [z]: *faz* [ ' fajs], *paz* [ ' paĩs], *nós* [ ' nõĩs], com a eventual queda dos implosivos finais, como em *rapaz* [ha ' paj]; de [o] tónico medial: *morro* [ ' mou̯hu], *coro* [ ' cou̯ru]; de [o] átono inicial *ocaso* [ou̯ ' kazu]; de [u] tónico: *fruto* [ ' fru̯tu], *luta* [ ' lu̯ta]. Muito característica é a ditongação em *bom* [ ' bãũ].

(iv) Os ditongos [aw] [ew] na posição átona inicial monotongam-se: *aurora* [o ' rora], *autoridade* [otori ' dadʒi], *europau* [oro ' peɹ]. Os semiditongos finais átonos [ja], [jo], [je] também passam pelo mesmo caminho: *elegância* [ele ' gãsa], *circunstância* [sir̥kũ ' stãsa], *negócio* [ne ' gosu], *palácio* [pa ' lasu], *espécie* [is ' pesi]. Nos tónicos [ou], [aj], [ej] também se observa a redução: *ouro* [ ' oru], *couro* [ko ' ru], *cenoura* [se ' nora], caixa [ ' kaʃa], *peixe* [ ' peʃi], *primeiro* [pri ' meru]. A partícula negativa *não* passa a ser pronunciada como [ ' nu].

(v) Observa-se a metafonía<sup>19</sup> de [o] e [e] átonos: *tomate* [tu ' maʃi], *domingo* [du ' mĩgu], *comida* [ku ' mida], *comigo* [ku ' migu], *tossir* [tu ' sih], *cobrir* [kub ' rih], *menino* [mi ' ninu], *encontro* [ĩ ' kõtru].

(vi) O processo de assimilação progressiva pode ser observado em *também* [ta ' mẽ], e o contrário processo de dissimilação, como em *outro* [ ' outu], *quatro* [ ' kwatu].

(vii) O rotacismo se observa na passagem de [l] medial para [r] na posição pós-vocálica: *falta* [ ' farta], *alface* [ar ' fasi], *Cláudio* [ ' Kraɹdʒiu], *Clara* [ ' Krara]. Nesses casos é possível a retroflexão de [l]: *volta* [ ' voɹta], *almoçar* [aɹmo ' sa], *qualquer* [kwaɹ ' ke]. Além disso, [ɹ] retroflexo ocorre predominantemente no final das sílabas na posição pós-vocálica: *torto* [toɹ ' tu], *mar* [ ' maɹ], *Uberlândia* [ ubeɹ ' lãdʒja] .

As mais comuns alterações fonéticas realizadas pela adição podem ser encontradas na prótese: *vexar* [ave ' jah], *divertir* [adʒiveh ' ʃi]; ou na epêntese: *observar* [obise ' va], *ignorante* [igino ' rãʃi].

Os fenômenos de supressão, ou queda dos fonemas fracos:

(i) Qualquer sílaba átona pode ser sujeita à aférese: *arrepender* [hepẽ ' de], *imaginar* [maʒi ' na], *arrastar* [has ' ta], *atravessar* [trave ' sa] *travessar*, *você* [ ' se], *lugar* [ ' ga].

---

<sup>19</sup>Mudança de timbre da vogal de uma raiz ou de um sufixo lexical por assimilação da vogal do sufixo flexional (Dicionário de termos linguísticos. Portal da língua portuguesa).

(ii) Síncope: *abóbora* [a ' bɔbra], *caboclo* [ka ' boku], *cócega* [ ' kɔska], *ônibus* [ ' õs], *lustrado* [lis ' tadu], *senhor* [ ' so], *eles* [ ' es], *mesmo* [me ' mu]. Muito comum é a queda de [d] no gerúndio: *andando* [ã ' dānu], *falando* [fa ' lānu].

(iii) O caso da apócope mais típico seria indubitavelmente a queda do -r final no infinitivo: *amar* [a ' ma], *entender* [itẽ ' de]; da mesma forma, como em substantivo: *mar* [ ' ma], *amor* [a ' mo]. Além disso, podemos afirmar que a fala mineira é capaz de suprimir qualquer tipo de fonema no final das palavras: *andamos* [ã 'dāmu], *cafezal* [kafe ' za] , *sal* [ ' sa], *vizinho* [vi ' zĩ], *botequinho* [bute ' kĩ], *queijo* [ ' keĩ]; *pode* [ ' pɔ], *esse* [ ' es].

Fenômenos de transposição surgem na metátese: *por* [ ' pro], *prejuízo* [per ' zuizu], *problema* [pob ' rema], *pergunta* [pre ' gũta].

A fonética da fala mineira no plano sintático também apresenta umas curiosidades. Um dos fatos mais típicos na fala mineira é a palatalização de [m] em [ɲ] na ligação entre palavras, por exemplo: *vim aqui* [vĩɲa ' ki]. Regularmente também se forma crase: *minha amiga* [mija ' miga], *falando atoa* [fa ' lāda ' toa].

#### 4.2.3.2 Morfologia e sintaxe

(i) Na morfologia do português mineiro ganha destaque especial a indicação de número plural. Na fala informal o substantivo mantém a forma do singular, e número plural passa a ser determinado pelo artigo ou pronome em plural, ou por um número cardinal: *as mulher, os menino, todos dia, muita vez, dez real, duas coisa*.

(ii) É comum na fala mineira o verbo não concordar em número e pessoa com o seu sujeito: *nós teve, os homem falava, as perna dói*.

(iii) O sujeito coletivo induz ao verbo em plural: *toda gente olhavam, o povo gostavam*.

(iv) Existe uma tendência de emprego dos verbos *haver* e *fazer* no plural nas locuções com sujeito indeterminado ou unipessoal: *havam muitos dias, fazem dois anos*. Adicionalmente, o verbo na voz passiva é amplamente aplicado para a designação do sujeito indeterminado: *aluga-se casas, vende-se carros*. A partícula -se da voz reflexiva desaparece em grande número dos verbos: *casar, queixar, arrepender* etc.

- (v) O verbo *ser* acompanhado pelo completivo no plural é posto não raramente no singular: *Quantas horas é? – É duas hora*.
- (vi) Os adjetivos quando adjuntos predicativos podem desconcordar com o substantivo em género e número: *as moça ficou quieto, as perna tavam parado*.
- (vii) O advérbio *mais* utiliza-se no sentido de *já*: *não acho mais interessante*.
- (viii) Os pronomes nominativos são usados tipicamente no acusativo: *chama eu, pega ela, tá seguindo nós*. O pronome oblíquo átono *-lhe*, quando referente à terceira pessoa, é substituído pela preposição *para* + pronome de sujeito: *falei pra ele*. Contudo, o *-lhe se* mantém, quando se refere à segunda pessoa do singular, o interlocutor: *digo-lhe alguma coisa*. Em vez de conosco usa-se a construção *com nós*: *vem com nós*.
- (ix) A segunda pessoa singular do imperativo negativo é empregada na terceira pessoa singular no presente de indicativo: *não faz, não vai*. Muito habitual é o uso de duas negativas numa frase, até três de vez em quando: *não fiz isso não, nunca não fiz isso não*.

#### 4.2.4 Algumas características em detalhes

##### 4.2.4.1 A origem de algumas mudanças fonéticas na fala mineira

Em primeiro lugar, gostaria de desvendar o fenómeno da retroflexão de *r*, pois sob o o prisma da história da linguística românica é um fenómeno originalmente observado exclusivamente no português brasileiro<sup>20</sup>. Esse fenómeno no Brasil é registrado nas regiões sul, centro-oeste e sudeste do Brasil, e no caso de Minas Gerais abrange o território do sul e sudoeste do estado.

A retroflexão de *r* é atribuída tipicamente ao dialeto caipira, que se dispersa pelo território da Paulistânia. O surgimento da cultura caipira é ligada ao período pós-aurífero, quando a população das zonas de mineração se espalha pelo território e cria os novos núcleos da vida rústica. A formação da cultura de vida caipira se baseou nas soluções minimalistas de autossustentência, necessárias apenas para manutenção de vida dos

---

<sup>20</sup>Hoje em dia a retroflexão de *r* já se observa no português europeu (Veloso, 2015:332).

indivíduos e coexistência dos bairros. Outra qualidade fundamental da cultura caipira é a sua mobilidade no espaço em busca de terras disponíveis. Dessa forma, o estilo de vida caipira revive assim ao modo de vida dos seus antecedentes, os antigos moradores da capitania de São Vicente – os bandeirantes. A cultura caipira pela sua natureza do minimalista equilíbrio social e ecológico não é destinada ao progresso, apenas à sua sustentação. Essa peculiaridade do caipira começa a ser interpretada como atraso, dando luz assim posteriormente já hoje em dia a um dos estereótipos mais estigmatizados do Brasil – caipira como uma imagem coletiva do homem da roça no sentido oposto ao desenvolvimento técnico e intelectual da cidade, tradicionalista no sentido oposto à contemporaneidade, rústico no sentido de pouca instrução, delicadeza e, sobretudo, em relação ao seu jeito de falar.

O caipira sendo uma transformação histórica de bandeirante, os semi filhos da terra e da Europa, tem o seu dialeto carregado de marcas fortes da língua geral paulista, dessa forma, mantém as qualidades típicas dos falantes tupi. O filólogo Gladstone Chaves de Melo anotou sobre o dialeto caipira: “Há, porém, um aspecto linguístico regional nosso, em que me parece ter sido mais intensa a influência tupi, ao lado da africana: o dialeto caipira. Tenho para mim como certo que os antigos hábitos linguísticos tupis, de par com os africanos impressos no português, determinam a formação do dialeto caipira, tão bem estudado por Amadeu Amaral” (Elia, 2003:59). Desse modo, o *r caipira* ou *r* retroflexo, ascende às línguas indígenas. O famoso indianólogo alemão Paul Ehrenreich notou, que “na maioria das línguas sul-americanas existe um *r* cuja pronúncia se situa entre um *r* e um *l*” (Elia, 2003:59).

Adicionalmente, pelo fato de inexistência de [l] na língua tupi, influência das línguas indígenas, não raramente são atribuídas tais alterações fonéticas encontradas na fala mineira, como a permuta de [l] para [ɾ] com sua eventual retroflexão, como em: *salto* [saɪ 'tu], *alma* [ 'aɪma]; a redução de [ʎ] a um iode, como em *mulher* [mu 'je], *trabalhar* [traba 'ja]; e a queda do l final das palavras, como em *general* [ʒene 'ra], *cafezal* [kafe 'za]. Além disso, incumbem ao indígena, contudo sem comprovação absoluta, a perda de [d] no gerúndio, como em *andando* [ã 'dãnu], *falando* [fa 'lãnu]; e a queda do -r final, como em *fazer* [fa 'ze], *amor* [a 'mo] (Elia, 2003:59).

Do outro lado, a redução da palatal representada pelo grafema *-lh*, tanto como a queda de *-r* e *-l* finais, segundo alguns estudiosos podem ser derivadas da influência das línguas africanas.

#### 4.2.4.2 *Você, ocê e cê*

No início do século XVIII surge a forma de tratamento *Vossa Mercê* que na altura serviu como substituição ao pronome de tratamento *vós*. A generalização do uso de *Vossa Mercê* sucede naturalmente na sua difusão, o que por sua vez induz às mudanças sonoras da expressão. Passando pelo processo de reduções de sílabas átonas, *Vossa Mercê*, afinal das contas, se transforma em *você*, gramaticalizando-se em pronome. Dessa forma, preenchendo o papel do sujeito, *você*, por seu turno, chega à culminação no seu uso, o que o leva, mais uma vez, ao processo de redução fonética, resultando na forma *cê*. Alguns estudos assinalam que, ao contrário de *você*, a forma *cê* „somente ocorria como sujeito pré-verbal e contiguidade ao verbo, não aparecia recebendo ênfase“ (Peres, 2007:163). Essa qualidade, sendo uma das características dos clíticos, gerou outra hipótese: a forma *cê* poderia ser a continuação do processo de gramaticalização iniciado por *Vossa Mercê*, e provavelmente se está transformando em um clítico (Peres, 2007:164). O uso da forma *cê* não se restringe apenas ao território de Minas Gerais, contudo nele o seu uso é muito mais frequentado.

Os dois estudos de uso de *você*, *ocê* e *cê* realizados por Jânia Martins Ramos em 1997 e 2000 utilizam os dados recolhidos em Belo Horizonte e Ouro Preto respetivamente. Os resultados obtidos demonstraram que a variante inovadora *cê* exibe o mais alto grau de ocorrência em ambas as localidades, o que prova a implementação da mudança de *você* para *cê* na língua. Outro estudo desenvolvido por Maria do Socorro Coelho em 1999 na cidade de São Francisco, situada na mesorregião Norte de Minas, chegou aos resultados, que a variante *cê* é preferencial tanto na região urbana, como na área rural. O número de ocorrência da forma *ocê* é muito pequeno. Mais um estudo desempenhado por Eunice Nicolau, como o seu terreno escolha a cidade de Belo Vale, situada na mesorregião Metropolitana de Belo Horizonte, onde supostamente ainda se encontram os traços conservadores da língua portuguesa. Os resultados da pesquisa apontaram para a preferência da forma conservadora *você*. Não obstante, no que diz respeito à função sintática, especificamente na função de complemento de preposição, a

preferência de uso é pela forma *ocê*, por exemplo: *de ocê*, *pra ocê*, que se contraem em [do 'se], [pro 'se] (Nicolau, 2011:145).

#### 4.2.4.3 Interjeições e invocações típicas

Segundo Evanildo Bechara, as interjeições são expressões que representam autônomas proposições e que servem para declarar os nossos estados emotivos, assumindo „papel de unidades interrogativo-exclamativas e de certas unidades próprias do chamamento, chamadas vocativo, e ainda, por unidades verbais, como é o caso do imperativo” (2001:330-331).

Um dos traços mais marcantes da fala mineira é a interjeição *uai*, que tem sido o objeto de uma grande discussão quanto ao seu uso, origem e distribuição regional. Segundo Antônio Houaiss, *uai* pode indicar espanto, pasmo, impaciência, susto ou admiração, e é empregado para reforçar o que foi dito, como o jeito de se estranhar a dúvida do interlocutor” (2001:2794). Tradicionalmente *uai* é identificada como uma interjeição de espanto, tendo a forma *ué* como a sua variação. Segue abaixo os exemplos:

*Uai, mas como assim?*

*Uai, o que você fez?*

*Esse vinho é bom demais, uai.*

*Claro que vou, uai.*

Na sua obra-prima *O dialeto caipira*, Amadeu Amaral propõe que *uai* surgiu através do processo das mudanças fônicas do vocábulo *olhai* (*olha aí*) e propõe o seguinte trajeto de redução: *olhai* – *oiai* – *ui ai* – *uai* – *uéi* – *ué*. (1976:190). Outra potente hipótese da origem da interjeição *uai* é associada ao empréstimo da língua inglesa. No século XIX as empresas mineradoras britânicas surgiam em Minas Gerais, que atraíam inclusivamente os trabalhadores da sua pátria como a sua mão-de-obra. O município de Nova Lima, situado na distância de dezoito quilômetros de Belo Horizonte, era marcado por uma relevante presença dos ingleses. Desse modo, o contato entre os imigrantes ingleses e moradores da região poderia suceder na troca de costumes e maneiras de falar, inclusivamente as interjeições. Dessa forma, segundo Iara Albuquerque, o surgimento da



interjeição *uai* na língua portuguesa pode ser o resultado da direta transposição da interjeição inglesa *why*, aplicada nas manifestações de surpresa, angústia ou quebra de expectativa. (Batista, 2013:87).

Mais uma inconfundível interjeição da fala mineira é a invocação *Nó* e a sua variante *Nu*. As invocações „são expressões nominais que cumprem a função de apelar para uma entidade não pessoal ou inanimada, como os objetos da natureza ou uma entidade religiosa“ (Moreira, 2013:58). Jânia Martins Ramos aponta que a expressão *Nossa Senhora* pode ser realizada tanto no contexto de invocação como um apelo à entidade religiosa, como uma manifestação de espanto, susto, medo etc.; e que na fala mineira existe uma possibilidade da sua redução para as formas *Nossa*, *Nó* e *Nu*, (Moreira, 2013:60). Tal redução, igualmente como no caso da formação do pronome *você*, pode ser a demonstração do processo de gramaticalização, apresentada pelas seguintes etapas: *Nossa Senhora* – *Nossa Senhora!* – *Nossa!* – *Nó!* – *Nu*. Segue abaixo alguns exemplos:

*Nó! Que menina linda!*

*Nu! Tá calor demais!*

*Nu! Olha o tamanho desse cachorro!*

*Nó! Quase morri de medo!*

Outro ponto característico da fala mineira que merece destaque é a partícula vocativa *sô*. As partículas vocativas podem ser identificadas como morfemas livres ou ligados a uma interjeição, que se podem tornar sufixos. (Moreira, 2013, 63). A formação da partícula *sô* é o resultado do processo da redução dos segmentos internos da palavra *senhor*, sua gramaticalização em vocativo e consequente perda de conteúdo semântico e fônico (Moreira, 2013:65). Jânia Martins Ramos acrescenta que houve nesse processo uma mudança de classe – de nome ao pronome (Moreira, 2013:65). A aplicação da partícula *sô* é frequente na posição final de uma oração, contudo precedida de uma interjeição, pode ocorrer no início da frase:

*Para com isso, sô!*

*O negócio tá brabo, sô.*

*Uai, sô, para com isso!*

*Ô, sô, come aí!*

## **5 Conclusões finais**

Ao longo desse trabalho falamos sobre o português do Brasil e a problemática da identificação da sua norma sob o ponto de vista sociolinguístico e dialetológico. Em virtude do extenso território do país e a constante mudança na sociedade brasileira, observamos, que os estudos dialetológicos continuam a desafiante tarefa da realização do mapeamento linguístico do Brasil e a descrição da sua complexidade dialetal para o melhor entendimento do que o português do Brasil realmente representa. Através da introdução dos aspetos históricos e étnicos do desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil verificamos a importância de integração e interação das três bases na sua formação: o português de Portugal da época da colonização, as línguas indígenas, as línguas africanas provenientes das regiões de origem dos escravos trazidos para o Brasil. Igualmente observamos as três bases em ação no quadro histórico da formação do estado de Minas Gerais. Os resultados dos estudos realizados no âmbito do português mineiro indicam a existência da divisão dialetológica dentro de Minas Gerais representada por três falares: falar baiano, falar paulista e falar mineiro. Os três falares encontram-se em constante contato um com outro, resultando na influência recíproca, todavia, o falar mineiro é considerado o exemplo mais lídimo da fala do estado. Conforme os mesmos estudos, também verificamos, que o traço mais distinto da fala mineira seria a inabalável tendência de redução dos segmentos átonos independentemente da sua posição dentro do vocábulo. Afinal, tivemos a oportunidade de conferir algumas hipóteses da origem dessas reduções, o que pode nos sugerir a percepção da fala mineira sob o prisma dos seu desenvolvimento histórico e aspetos únicos da convivência e proporção da composição étnica do povo que tem habitado o estado de Minas Gerais. Evidentemente neste trabalho não tocamos nos assuntos mais profundos da questão da divisão dialetológica do território mineiro e a discussão sobre as suas mudanças linguísticas, não obstante, espero que esta pequena introdução possa ser útil para leituras e estudos posteriores relacionados ao português falado em Minas Gerais.

## 6 Bibliografia

ALENCAR, Maria Silvana Militão de. Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil. *Revista de Letras*. Vol. 30 - 1/4 - dez. 2010/jan. 2011, pp. 28-34.

ALBUQUERQUE, Iara. Hipóteses sobre a origem de uma interjeição. In: RAMOS, Jânia e COELHO, Sueli (orgs). *Português brasileiro dialetal: temas gramaticais*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1920/1976.

AMARAL, Eduardo Tadeu Roque (org.). *O português falado em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2013.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva. *Linguística Aplicada aos Falares Regionais*. João Pessoa: A União Cia Editora, 1983.

BATISTA, Hadinei Ribeiro. *Uai: Estudo de uma interjeição do português brasileiro*. Belo Horizonte, 2013. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 11ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1984.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Breve gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa. 14ª ed., 2001.

COSERIU, Egenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

ELIA, Sílvio. *Fundamentos Histórico-linguísticos do português do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.

ELIA, Sílvio. *Dicionário gramatical*. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

DUBOIS, Jean, et al. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLÍMA, Jan. *Dějiny Brazílie*. Praha: Nakladatelství Lidové noviny, 1998.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *A transformação do trabalho; a passagem do trabalho livre na região da Zona da Mata mineira, 1870-1920*. Campinas: UNICAMP/CNPQ, 1988.

LIMA JR., Augusto de. *A capitania das Minas Gerais*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1978 (coleção Reconquista do Brasil, Vol. 51).

LOPE BLANCH, Juan Miguel. La sociolingüística y la dialectología hispánica. In: ALVAR, Manuel e LOPE BLANCH, Juan Miguel. (orgs.). *En torno a la sociolingüística*. México: UNAM, 1978.

LUCCHESI, Dante, 2012. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Linguística Galega*. Vol. 4, pp. 45-65.

MOREIRA, Juliana Costa. *O vocativo e a interface sintaxe-pragmática no português brasileiro*. Belo Horizonte, 2013. Tese de pós-graduação. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edição da organização Simões, 1953.

NETO, Serafim da Silva. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Presença, 1986.

NICOLAU, Eunice. Pelas trilhas de Minas até Belo Vale: garimpando em busca de traços conservadores do português do Brasil. In: DOGLIANI, Evelynne e COHEN, Maria Antonieta A.M. (orgs.). *Pelas trilhas de Minas: a língua nas Gerais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

PERES, Edenize Ponzo, 2007. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)textos linguísticos*. nº 1, pp. 155-168.

RECTOR, Mônica. *A linguagem da juventude*. Petrópolis: Vozes, 1975.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2ª ed., 1995.

SOUZA, Elizete Maria de e CHAVES, Elaine, 2011. De Ouro Preto a Belo Horizonte: seguindo os passos da história para compreender a formação do falar belo-horizontino. *Revista Alpha, UNIPAM*. Vol. 12, pp. 54-67.

TEIXEIRA, José Aparecido, 1938. O falar mineiro. *Revista do Arquivo Público Municipal*, Vol. 46, pp. 5-100.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics – an introduction*. Great Britain, London: Penguin Books, 1981.

VELOSO, João, 2015. The English R Coming! The Never Ending Story of Portuguese Rhotics. In: SIMÕES, BARREIRO, SANTOS, SOUSA-SILVA & TAGNIN (eds.). *Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam*. Oslo Studies in Language 7(1), pp. 323–336.

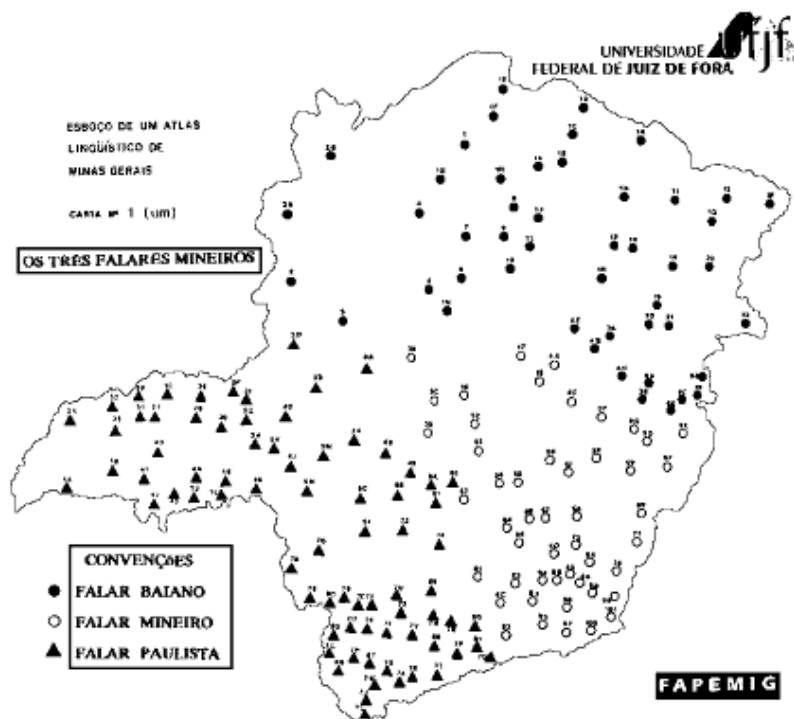
VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro> Objetiva, 2000.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Eduel, 2013.

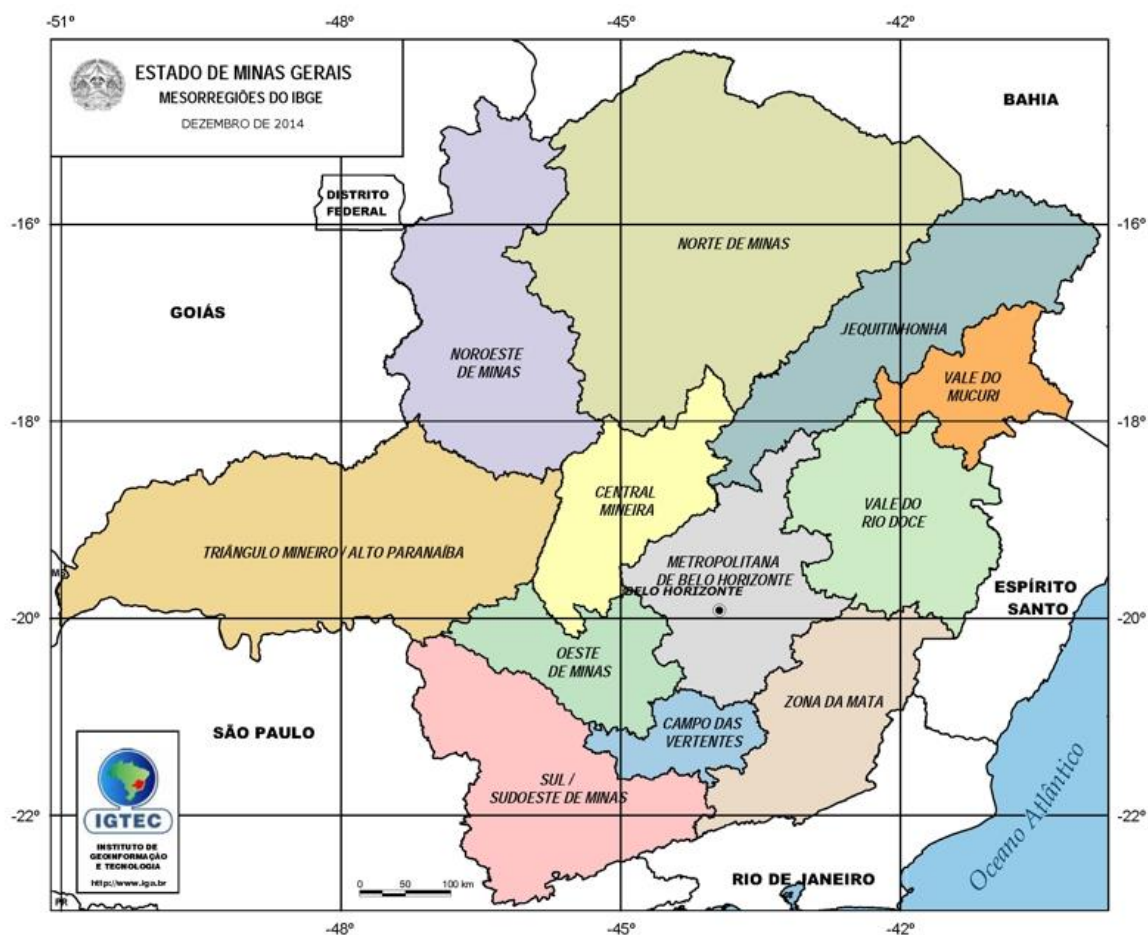
ZEMELLA, Mafalda P. *O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII*. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1990.

*Projeto Atlas Linguístico do Brasil* [online]. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>

## Anexo I – Os três falares mineiros, proposta do EALMG



## Anexo II – Mapa de Mesorregiões do estado de Minas Gerais





### **Anexo III – Guia de conversação em mineirês**

*O Sotaque das Mineiras*

*Carlos Drummond de Andrade*

O sotaque das mineiras deveria ser ilegal, imoral ou engordar. Porque, se tudo que é bom tem um desses horríveis efeitos colaterais, como é que o falar lindo (das mineiras) ficou de fora?

Mineira deveria nascer com tarja preta avisando:

ouvi-la faz mal à saúde. Se uma mineira, falando mansinho, me pedir para assinar um contrato doando tudo que tenho, sou capaz de perguntar: só isso?

Assino achando que ela me faz um favor.

Eu sou suspeitíssimo. Confesso: esse sotaque me desarma. Os mineiros têm um ódio mortal das palavras completas.

Preferem abandoná-las no meio do caminho, não dizem:

pode parar, dizem: ‘pó parar’.

Não dizem: onde eu estou?, dizem: ‘ôncôtô’.

Os não-mineiros, ignorantes nas coisas de Minas, supõem, precipitada e levianamente, que os mineiros vivem lingüisticamente falando, apenas de uais, trens e sôs.

Digo-lhes que não (...)

Mineiras não usam o famosíssimo ‘tudo bem’.

Sempre que duas mineiras se encontram, uma delas há de perguntar pra outra:

– ‘Cê tá boa?’

Para mim, isso é pleonasma.

Perguntar para uma mineira se ela tá boa é desnecessário.

Há outras. (...)

– ‘Aqui’, não vou dar conta de chegar na hora, não.

Esse ‘aqui’ é outro que só tem aqui (...)

Que os mineiros não acabam as palavras, todo mundo sabe.

É um tal de ‘bonitim’, ‘fechadim’, e por aí vai.

Já me acostumei a ouvir:

– E aí, ‘vão?’ Traduzo:

– E aí, vamos?

Não caia na besteira de esperar um ‘vamos’ completo de uma mineira.

Não ouvirá nunca.

Eu preciso avisar à língua portuguesa que gosto muito dela, mas prefiro, com todo respeito, a mineira.

Nada pessoal.

Aqui certas regras não entram.

São barradas pelas montanhas.

Por exemplo, em Minas, se você quiser falar que precisa ir a um lugar, vai dizer:

– Eu preciso ‘de’ ir.

Onde os mineiros arrumaram esse ‘de’, aí no meio, é uma boa pergunta.

Só não me perguntem. Mas que ele existe, existe(...)

Aqui em Minas ninguém precisa ir a lugar nenhum.

Entendam...

Você não precisa ir, você precisa ‘de’ ir.

Você não precisa viajar, você precisa ‘de’ viajar.

Se você chamar sua filha para acompanhá-la ao supermercado, ela reclamará:

– Ah, mãe, eu preciso ‘de’ ir?

No supermercado, o mineiro não faz muitas compras, ele compra um ‘tanto de coisa’.

O supermercado não estará lotado, ele terá um ‘tanto de gente’ (...)

Entendeu?

Se, saindo do supermercado, a mineirinha vir um mendigo e ficar com pena, suspirará:

– ‘Ai, gente, que dó’.

É provável que a essa altura o leitor já esteja apaixonado pelas mineiras(...)

Para uma mineira falar que algo é muitíssimo bom vai dizer:

– ‘Ô, é sem noção’.

Entendeu?

É ‘sem noção’!

‘Só não esqueça, por favor, o ‘Ô’ no começo, porque sem ele não dá para dar noção do tanto que algo é sem noção,

entendeu?

Capaz...

Se você propõe algo ela diz:

– ‘Capaz’!!!

Vocês já ouviram esse ‘capaz’?

É lindo (...)

Já ouviu o ‘nem...?’

‘Completo ele fica:

– Ah, ‘nem’ (...)

A propósito, um mineiro não pergunta:

– Você não vai?

A pergunta, mineiramente falando, seria:

– ‘Cê’ não anima ‘de’ ir?

Tão simples.

O resto do Brasil complica tudo.

É, ué, cês dão umas volta pra falar os trem (...)

O plural, então, é um problema.

Um lindo problema, mas um problema.

Sou, não nego, suspeito.

Minha inclinação é para perdoar, com louvor, os deslizes vocabulares das mineiras.

Aliás, deslizes nada.

Só porque aqui a língua é outra, não quer dizer que a oficial esteja com a razão.

Se você, em conversa, falar:

– Ah, fui lá comprar umas coisas...

– ‘Que’ s coisa?’ – ela retrucará.

O plural dá um pulo (...)

E se você acusar injustamente uma mineira, ela, chorosa, confidenciará:

– Ele pôs a culpa ‘ni mim’.

A conjugação dos verbos tem lá seus mistérios, em Minas.

Ontem, uma senhora docemente me consolou:

‘preocupa não, bobo!’.

E meus ouvidos, já acostumados às ingênuas conjugações mineiras, nem se espantam.

Talvez se espantassem se ouvissem um: ‘não se preocupe’, ou algo assim.

A fórmula mineira é sintética.

E diz tudo.

Até o tchau, em Minas, é personalizado.

Ninguém diz tchau pura e simplesmente.

Aqui se diz: ‘tchau pro cê’, ‘tchau pro cês’.

É útil deixar claro o destinatário do tchau.

Então né, as mineiras são trem bão demais sô.